

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

KAROLINE GONÇALVES DE LIMA

OLHOS D'ÁGUA e INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES: uma análise sobre
as personagens evaristianas sob a perspectiva teórico-crítica feminista

Porto Alegre
2024

KAROLINE GONÇALVES DE LIMA

OLHOS D'ÁGUA e *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*: uma análise sobre as personagens evaristianas sob a perspectiva teórico-crítica feminista

Dissertação de Mestrado em Estudos de Literatura apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dra. Rita Terezinha Schmidt

Porto Alegre
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves de Lima, Karoline
OLHOS D'ÁGUA e INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES:
uma análise sobre as personagens evaristianas sob a
perspectiva teórico-crítica feminista / Karoline
Gonçalves de Lima. -- 2024.
98 f.
Orientadora: Rita Terezinha Schmidt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Conceição Evaristo. 2. Violência Doméstica. 3.
Autoria de mulheres negras. 4. Olhos d'água. 5.
Insubmissas Lágrimas de Mulheres. I. Schmidt, Rita
Terezinha, orient. II. Título.

KAROLINE GONÇALVES DE LIMA

OLHOS D'ÁGUA e INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES: uma análise sobre as personagens evaristianas sob a perspectiva teórico-crítica feminista

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre(a)” e aprovada em sua forma final/com alterações indicadas pela banca.

Orientadora: Professora Dra. Rita Terezinha Schmidt

Porto Alegre, 21 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rita Terezinha Schmidt
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Ana Lucia Liberato Tettamanzy
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Magali da Silva Almeida
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Rita Terezinha Schmidt, por sua paciência e dedicação durante nossos encontros virtuais e pelo carinho durante as trocas de e-mails.

Às colegas e amigas que o mestrado me deu, pelo grupo de apoio que formamos para fortalecer nossas pesquisas: Cristina, Fabiana, Karina, Suelen, obrigada!

À minha família, aos meus avós e minha mãe, que já não se encontram mais neste mundo, mas que sempre me incentivaram a não desistir dos meus sonhos e sempre seguir estudando, se vocês tiverem me vendo ou escutando de onde estão, muito obrigada por tudo.

E à minha companheira de vida, Fernanda, por sempre estar do meu lado nos melhores e piores momentos, muito obrigada.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa, a partir de uma perspectiva teórico-crítica feminista, as personagens que integram as obras literárias *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016) e *Olhos d'água* (2020), de autoria da escritora brasileira Conceição Evaristo, bem como reflete sobre a literatura negro-brasileira feminina como insurgente recurso artístico-cultural e potente ferramenta de resistência e contraposição às diversas formas de subalternizações e silenciamentos de vozes negras na sociedade contemporânea. A investigação tem como objetivo geral difundir e contribuir com as reflexões teórico-literárias acerca do pensamento crítico sobre a relevância e a autenticidade da escrita de mulheres negras, corroborando com a construção de conhecimentos, memórias e cenários de luta e resistência presentes nas histórias das personagens de Evaristo, marcadas socialmente pelas profundas mazelas geradas pelos processos de colonialidade. Como objetivos específicos, analisar a representatividade da mulher negra por meio das violências de gênero, raça, classe sofridas pelas personagens de Evaristo. Como *corpus* de análise, evidencia-se, neste estudo, as personagens “Ana Davenga”, “Maria”, “Zaíta” e “Natalina”, protagonistas dos contos de *Olhos d'água*, e “Natalina Soledad”, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, “Isaltina Campo Belo” e “Rose Dusreis”, vozes presentes em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Para tanto, este trabalho leva em consideração os estudos de gênero, sob o viés da interseccionalidade, tendo em vista ainda, estudos diretamente ligados às consequências das colonialidades (do poder, do ser, do saber e do gênero/raça), por meio de teóricas feministas como Angela Davis, bell hooks, Carla Akotirene, Grada Kilomba, Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, María Lugones, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, entre outras vozes ancoradas em conhecimentos contra-hegemônicos e decoloniais.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Olhos d'água. Insubmissas lágrimas de mulheres. Literatura negro-brasileira. Interseccionalidade. Autoria de mulheres negras. Feminismo negro. Violência doméstica.

RÉSUMÉ

Le présent ouvrage analyse, à partir d'une perspective théorique-critique féministe, les personnages qui composent les œuvres littéraires *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016) et *Olhos d'água* (2020), de l'écrivaine brésilienne Conceição Evaristo, et réfléchit sur la littérature noire-brésilienne féminine comme une ressource artistique et culturelle insurgée et un puissant outil de résistance et d'opposition aux diverses formes de subalternisation et de silence de voix noires dans la société contemporaine. La recherche vise à diffuser et à contribuer aux réflexions théoriques et littéraires sur la pensée critique concernant la pertinence et l'authenticité de l'écriture des femmes noires, en corroborant avec la construction de connaissances, des souvenirs et des scénarios de lutte et de résistance présents dans les histoires des personnages d'Evaristo, marqués socialement par les profondes blessures générées par les processus de colonialité. Les objectifs spécifiques sont d'analyser la représentation des femmes noires à travers la violence de genre, de race et de classe subie par les personnages d'Evaristo. Comme corpus d'analyse, on met en évidence, dans cette étude, les personnages "Ana Davenga", "Maria", "Zaíta" et "Natalina", protagonistes des contes de *Olhos d'água*, et "Natalina Soledad", "Maria do Rosário Imaculada dos Santos", "Isaltina Campo Belo" et "Rose Dusreis", voix présentes dans *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Pour ce faire, ce travail prend en compte les études de genre, sous le biais de l'intersectionnalité, en vue également d'études directement liées aux conséquences des colonialités (du pouvoir, de l'être, du savoir et du genre/de la race) à travers de théoriciens féministes telles qu'Angela Davis, Aníbal Quijano, bell hooks, Carla Akotirene, Grada Kilomba, Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, María Lugones, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, entre autres voix ancrées dans les savoirs contre-hégémoniques et décoloniaux.

Mots-clés : Conceição Evaristo. *Olhos d'água*. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Littérature afro-brésilienne. Intersectionnalité. Écrivaines noires. Féminisme noir. Violence domestique.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FEMINISMO NEGRO: MILITÂNCIA E <i>ESCREVIVÊNCIA</i>	18
2.1 AUTORIA DE MULHERES NEGRAS: ENEGRECENDO O FEMINISMO, A LITERATURA, A ESCRITA.....	20
2.1 A LITERATURA NEGRO-FEMINISTA E O MERCADO EDITORIAL.....	28
3 LITERATURA <i>NEGRO-BRASILEIRA</i>: CONCEITO	30
3.1 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	37
3.2 ESCREVER PARA SOBREVIVER	43
4 LEITURAS DE OLHOS D'ÁGUA E INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES	46
4.1 <i>OLHOS D'ÁGUA</i> E AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	47
4.2. <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i> E A BINARIEDADE DE GÊNERO	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84

1 INTRODUÇÃO

Saber a história do nosso país, da nossa cidade, do local onde vivemos é importante para nos conhecermos enquanto habitantes deste lugar em que pisamos. Igualmente, é importante para que não deixemos repetir os erros de um passado colonizado e colonizador. Mas também, não somente conhecer, mas adentrar esse passado a partir da nossa história, enquanto latino-americanos brasileiros.

Parece-me impossível apresentar minha história, de como cheguei até aqui, sem antes voltar um pouco no tempo e partir da minha relação com aqueles que me criaram, me adotaram, meus avós, pois é desta relação que consigo enxergar de onde eu venho, o que eu busco e onde me encontro.

Venho de uma família humilde, simples. Nunca passei fome ou alguma necessidade de que eu me recorde. Quando criança eu queria uma bicicleta e esperei até meus nove ou dez anos para pedir uma, porque achava que teria chance de ganhar com essa idade. Lógica nenhuma. Esperei porque achei que estaríamos um pouco melhor financeiramente: pensamento de uma criança que não tinha consciência de classe estruturada. Ganhei um não da minha vó com adendos de reclamação: “como que ia comprar uma bicicleta pagando um horror de aluguel?”, “se o salário do teu avô mal dá pra pagar as contas e fazer um rancho no mercado?” “Me diz, como eu vou te comprar uma bicicleta?”. Nunca mais toquei no assunto.

Filha de lavadeira, oriunda do interior do estado do Rio Grande do Sul (Tupanciretã), município povoado inicialmente por indígenas (minuanos e charruas), Idê Rodrigues, minha avó, como meu avô, Mário Lima, ambos nascidos na década de 1930, são oriundos desta terra e, por seus traços e histórias (ou mitos) de seus passados, seus antepassados eram ou havia, entre eles, pessoas indígenas. Histórias sobre cobras e espíritos assemelhavam-se às oralidades trazidas pelo artista macuxi Jaider Esbell. A história da cobra que rastejava pela ‘sanga’ do rio e passava por cima de suas pernas enquanto ela e outras lavadeiras lavavam roupas tanto suas como de outros, era clássica. Minha avó era analfabeta, não sabia ler nem escrever. Sua assinatura era sua digital. Quando veio para cidade com meu avô, começou a exercer o papel de doméstica, dona de casa. Cuidava da casa, dos netos e netas. Eu fui a neta adotada, nasci prematura e fiquei um mês no hospital com nenhuma expectativa de vida. Minha mãe, Cidia Maria, na época, não tendo

condições físicas, psicológicas e sociais de ficar comigo, acabou por me deixar no hospital. Meu pai nunca apareceu. Nunca teve nome nem rosto. Meus avós deram entrada com os papéis da adoção. Saí do hospital como filha/neta deles.

Meu avô trabalhava cortando cana e fumo no interior do Rio Grande do Sul, veio para cidade de Porto Alegre ainda novo, segundo ele, e começou a trabalhar como caseiro e depois, assumiu função em que ele se dedicou mais tempo, como zelador. Nessa profissão ele ficou até seus oitenta anos, quando foi substituído por uma pessoa mais nova.

O meu avô veio de uma família negra extremamente vulnerável e, por isso, teve de trabalhar muito cedo para poder ajudar em casa. Tal fato que perpassa muitas famílias de classe média baixa, e não somente aquelas oriundas do interior do estado, mas da cidade mesmo. Logo que ele começou a trabalhar como zelador, aqui em Porto Alegre, designaram a ele outras funções, como a de cuidar do jardim, manter os corredores limpos, funções que não foram descritas no contrato, contudo lhes foram atribuídas pela síndica imobiliária. Além disso, a síndica logo de início começou a lhe pedir favores nada habituais, como lavar louça, arrumar camas, ir ao mercado, limpar a piscina de seu apartamento. Vale ressaltar que em seguida que meu avô começou neste trabalho, a síndica acabara de ter duas crianças, então sim, ela precisava de ajuda, porém, não se moveu para contratar alguém específico para suas demandas. Desta forma, meu avô, como era uma pessoa gentil, que gostava de ajudar e precisava de uns trocados extras, não viu problemas em exercer essas atividades da 'casa grande' também. Até porque ele sabia que receberia uns trocados por fora, porém, esses trocados eram realmente uma espécie de trocos, ou seja, muito pouco para tudo que ela, "a patroa", como ele a denominada, exigia dele. No final do mês não fechava cem reais por esses trabalhos extras. Contudo neste período qualquer coisa era melhor que nada, visto que minha avó não trabalhava mais fora, então qualquer dinheiro que entrasse era um certo lucro. Essa relação que existia entre Mário e a patroa demonstra que o laço colonial perdurou por muitos anos ainda em nossas vidas, com meu avô sendo subalterno a sua chefe, passando por humilhações para poder ganhar um pouco mais no mês ou levar alguma sobra da casa grande para nossa casa.

Com o passar dos anos, as questões financeiras foram sendo atenuadas com o aumento do salário mínimo, com a possibilidade da aposentadoria, com ajuda dos filhos e filhas de meus avós e com os netos e netas se encaminhando na vida, como

eu. E, claro, com as mudanças de governos que foram fundamentais na época para o desenvolvimento do governo e o crescimento da população.

Foi no final da vida deles, e no meio da pandemia, que comecei a refletir sobre mim, minha história, sobre esses relatos, sobre essas vidas. Durante a pandemia do covid-19, eu estava lendo e assistindo muitos conteúdos que me faziam refletir sobre o passado, e comecei a questionar se deveria ou não compartilhar essas ideias. Foi então que decidi escrever um projeto para tentar o mestrado na UFRGS. Porém, com o advento da pandemia e suas afetações, o projeto só foi concretizado “após” a pandemia, em 2020.

Sem sombra de dúvidas a pandemia da covid-19 afetou a todas as pessoas, de formas diferentes, claro, porém ninguém saiu ileso. As sequelas foram maiores que a do próprio vírus, pois quem sobreviveu a ele teve de enfrentar o medo, a dor, a culpa de sair de casa e talvez voltar contaminado e passar a alguém da família. Além do medo de não poder sair de casa e, assim, ficar desempregada, ou da dor de quando se contaminava e não sabia como ia sair do isolamento. Havia ainda a dor de ter perdido alguém pelo vírus e, pior, não poder fazer um sepultamento adequado em função da contaminação. Foram anos tristes e sombrios.

Para sair do casulo pandêmico, escrever foi a forma que encontrei para abrir meus próprios caminhos. Fiquei motivada para escrever algo que realmente me movesse a criar e a compartilhar com outras pessoas algo que partisse da minha vivência, mas que dialogasse com a vivências de outros. Logo, antes de escrever o projeto, estava lendo textos de autoria não branca, de dissidentes de gênero, de mulheres, bem como assuntos sobre racismo, memória, identidade, sexo, gênero. Ao ler Grada Kilomba (*Memórias de Plantação*), atual curadora da Bienal de São Paulo de 2023, bell hooks (*Tudo sobre o amor*), Virginie Despentes (*Teoria King Kong*) e Conceição Evaristo (*Olhos d'água*) durante o isolamento, percebi que abria algumas janelas da minha história familiar. Tudo estava ali, nestes textos, relatado de maneira minuciosa, com outras palavras, mas eu enxergava boa parte da minha história nos textos que estava lendo.

Então, para poder pensar no projeto de dissertação, comecei a ler alguns textos teóricos também sobre todas as questões já elencadas acima, porque sempre me interessaram muito, mas que quase nunca tive tempo de ler e estudá-los profundamente, e a pandemia, neste sentido, corroborou com questão do tempo, pois havia muito tempo sobrando nos dias para aqueles que, como eu, não precisavam

sair de casa para trabalhar. Então, foi nesse momento que comecei a ler os textos da escritora Conceição Evaristo. Foram e são leituras que representam muito da minha história de vida e de milhares de outras mulheres. É de uma representatividade completa, não representando apenas mulheres, mas histórias de pessoas de forma geral.

Eu, como uma pessoa não binária e parda, passei a refletir sobre minha raça a partir dessas leituras, dando-me conta que se eu tivesse certeza de minha cor não a estaria questionando. Então, quando comecei a ler as narrativas de Conceição, percebi que minha história também não havia sido contada, que eu ainda não havia lido nada em que eu pudesse me reconhecer ou reconhecesse a história de onde eu vim. Assim, quando fiz essas leituras durante a pandemia do covid-19, senti um extremo alívio por conhecer histórias tão verdadeiras e sensíveis, que dialogam com diversas outras experiências de vida, incluindo a minha, algo que não sinto quando leio obras de autores brasileiros considerados canônicos, importantes para a construção da literatura brasileira. Conhecer a literatura de autoria afro-brasileira somente agora, em pleno século XXI, é decepcionante, mas ao mesmo tempo um respiro pois, para mim, chegou a hora, o momento de ler e reconhecer os silenciados pela história. Foi então que tomei a liberdade para iniciar um projeto de escrita falando de uma das maiores escritoras do Brasil, a primeira mulher negra a ganhar o troféu Juca Pato de 2023, prêmio destinado a personalidades que contribuem para o desenvolvimento e prestígio do país. As obras de Conceição que eu tinha lido até então tudo tinha a ver com os outros textos que estava estudando, visto que a *escrivência* de Evaristo abarca múltiplas questões, sejam elas raciais ou de gênero, pois são questões que não tem um sentido se faladas isoladamente.

Assim, nasceu um projeto que visa destacar a importância de se falar em uma literatura de autoria negra e, principalmente, de uma literatura de autoria feminina negra. Considerando a invisibilidade das mulheres na história e, particularmente, na literatura, dei-me conta da possibilidade de um caminho para ser trilhado nos estudos de literatura. Assim, a presente investigação surgiu das possibilidades existentes no âmbito das discussões acadêmicas e da intenção de ampliar o escopo no que diz respeito à reflexão sobre autoria negra através do estudo das narrativas de Conceição Evaristo. Tal estudo busca discutir as narrativas em suas diferentes formas de resistências, na perspectiva interseccional, e a partir da tríade gênero, etnia e classe. Parto da perspectiva do pensamento feminista negro, visto que mulheres negras

enfrentam problemas sociais produzidos por etnia, classe, gênero, idade, sexualidade, entre outros.

Nesse estudo, a escrita de Conceição Evaristo abre espaço para as questões múltiplas, desde o lugar de fala, representatividade, negritude, etnia, sexualidade, solidão da mulher negra, sororidade, memória, trauma, aborto, estupro, relações abusivas, violência em todas as suas formas (doméstica, sexual, psicológica), silêncios, ausências, lesbianidade, corpos negros, incesto, abuso sexual, ao colonialismo, decolonização, feminismo, periferia, exclusão e miséria. Não há dúvidas de que a obra de Evaristo traduz um discurso que reivindica direitos de autorrepresentação por parte de minorias que realmente não têm lugar de fala nos âmbitos hegemônicos, que anseiam por falar em seu próprio nome para deixar de serem reduzidos perenemente à condição de objeto ou assunto.

Este trabalho surge, então, com a justificativa de que há pouca reflexão acerca dos novos contornos das produções literárias contemporâneas, principalmente em se tratando da representatividade da mulher negra na literatura. Sendo assim, minha investigação busca dar visibilidade a temáticas de suma importância para a academia, não somente em termos de literatura, mas também para outras áreas como história. Verifiquei no catálogo de teses e dissertações do portal da Capes que há 390 trabalhos sobre a escritora Conceição Evaristo, sendo 87 teses e 278 dissertações, porém a maioria destes trabalhos não dá um destaque para a escritora e suas narrativas em si, mas apresenta comparações dela com outras escritoras e escritas ou abordando seus contos de forma geral a partir de conceitos – interseccionalidade, literatura negra, feminino negro –, que também estarão presentes em meu trabalho em virtude da importância destes na literatura afro-brasileira. Sobre o *corpus* aqui estudado, foram encontrados, no mesmo catálogo, 31 trabalhos a respeito de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e 24 a respeito de *Olhos d'água*. Desta última obra, 4 abordam a literatura feminina negra ou de autoria e representação da mulher negra, tematizando também a questão da violência. Da primeira, 8 trabalhos colocam a mulher negra em foco e apenas 2 falam sobre a temática da violência. De todos esses trabalhos, destaco aqui as dissertações *A mulher negra na literatura brasileira: autoria e representação na produção ficcional de Conceição Evaristo* (2021) de Ruth Fonseca Abecassis, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA); *Nunca vão nos calar: uma leitura sobre a violência contra a mulher nos contos de Conceição Evaristo* (2019) de Luciane Paim, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e Os

contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra: diáspora, gênero e descolonização (2021) de Ana Paula dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); *As representações do corpo negro-feminino na contística de Conceição Evaristo* (2022) de Nadmilia Castro Domingues, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), pois são trabalhos que dialogam com esta dissertação. Diante dessas produções, proponho nesta dissertação uma análise com enfoque na violência contra mulheres, em particular, as personagens de Evaristo, com o intuito de dar visibilidade a esta questão que de alguma forma se naturaliza no Brasil, principalmente quando essas mulheres são negras. Assim, espero que essa pesquisa se torne visível não apenas à área de Letras mas também a outros cursos e entidades que se preocupam com esta questão. Assim, que este trabalho e outros não sejam finitos enquanto houver violências contra mulheres negras.

Nesse sentido, o *corpus* selecionado para esta dissertação é composto por duas obras de Conceição Evaristo que são *Olhos d'água* (2020) e *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016). São obras recentes com foco no protagonismo de mulheres. Tratando-se de uma dissertação de mestrado, optou-se por selecionar alguns textos destas obras para serem analisados em virtude da extensão do texto e para um melhor aprofundamento.

Para tanto, analisaremos a representação da mulher negra nas narrativas de Conceição Evaristo com o propósito de entender e responder às seguintes indagações: de que modo Conceição Evaristo constrói as personagens femininas que compõem as narrativas escolhidas nesta pesquisa? como suas narrativas discorrem acerca de questões também examinadas pela agenda do feminismo negro? Quais outros sentidos a autoria de mulheres negras agregam à Literatura brasileira? Poderia se afirmar que a literatura produzida por Conceição Evaristo inaugura um projeto literário nacional?

Todas essas discussões, na perspectiva das questões de gênero, etnia e classe social serão examinadas. Acreditamos que esses conceitos, inscritos no âmbito dos estudos decoloniais, segundo a perspectiva de Luiza Bairros, Lélia Gonzalez, María Lugones e Françoise Vergès enfatizam a necessidade de repensar visões tradicionais sobre o conhecimento, a ciência e a sociedade, com o propósito de decolonizarmos o pensamento pois, lamentavelmente, ainda vivemos em um contexto de colonialidade. Acredito que esse diversificado viés teórico estabelece

instrumentos essenciais para a observação e construção das personagens femininas negras.

Para tanto, realizei um levantamento teórico sobre o que se tem produzido a partir das obras de Conceição Evaristo e percebi que há escassas pesquisas sobre violência de gênero e representatividade em esferas de poder, algo fundamental para garantir que vozes de pessoas negras sejam ouvidas e consideradas nas decisões que afetam suas vidas. Logo, um dos objetivos desta dissertação é tratar dessas questões, trazendo exemplos concretos a partir das narrativas da própria Conceição Evaristo.

Esta dissertação estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, busco fazer um levantamento teórico e bibliográfico sobre a trajetória do feminismo negro no Brasil, partindo das experiências de teóricas pensadoras nacionais e internacionais. Abordo também algumas discussões sobre literatura negra brasileira de autoria de mulheres, com destaque aos fundamentos do feminismo negro. A literatura produzida por mulheres negras sinaliza o papel da literatura como espaço de representações, sobretudo de resistência, luta e renovação social. Essa literatura revela, na sua pluralidade, um processo representativo da história das mulheres, um recurso de denúncia e de ruptura de mitos e preconceitos reforçados pelos discursos patriarcais. O objetivo do primeiro capítulo é verificar como o movimento feminista negro resgata os espaços experienciais dos afetos e das vivências, uma vez que expõe materialmente os registros de memórias que de certa forma se evidenciam nas subjetividades das personagens de Evaristo. Assim, trago como referenciais teóricos autoras precursoras do feminismo negro norte-americano: Ângela Davis, Audre Lorde, bell hooks, e Sojourner Truth. Na sequência, seguem dois subcapítulos a fim de complementar a discussão anterior e reforçar a questão de autoria negra e o lugar da literatura negra no mercado editorial. Para esses debates, trago referenciais teóricos brasileiros, como Beatriz Nascimento, Lélia González e Sueli Carneiro, bem como a própria escritora Conceição Evaristo. Também agrego leituras de pesquisadoras como Claudia Pons, a filósofa Djamila Ribeiro e a pesquisadora Regina Dalcastagnè.

No segundo capítulo, coloco em discussão a contribuição da escritora-pensadora Conceição Evaristo para uma literatura afro-brasileira, sendo ela uma grande expoente da literatura contemporânea além de pesquisadora na área de literatura comparada. Em suas produções, suas principais protagonistas apresentam

muitas reflexões acerca das desigualdades raciais brasileiras. Sendo assim, o foco deste capítulo é a literatura afro-brasileira, com destaque para a arte da *escrevivência*. Além da própria Conceição, trago referenciais de pesquisadores como Eduardo de Assis Duarte, Ironides Rodrigues e Ana dos Santos. Seguem, na sequência, dois subcapítulos com foco na produção literária de Conceição Evaristo e, conseqüentemente, sua *escrevivência*. Resta mencionar os pesquisadores Hildalia Cordeiro e Júlio César Barbosa, os quais discutem a escrita de mulheres negras no conto “Isaltina Campo Belo” igualmente de Evaristo. Trago também a pesquisadora Ana Rita Santiago da Silva para discutir a literatura afro-feminista. E para discutir o conceito de *escrevivência*, a própria Evaristo, além da intelectual e da pesquisadora Heloísa Gomes que discute algumas particularidades da escrita negra.

No terceiro e último capítulo, analiso e interpreto o *corpus* literário, abordando as temáticas das narrativas de Conceição Evaristo nos textos *Olhos d’água* (2020) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016). O intuito é de analisar e interpretar as personagens e reiterar a escrita de resistência. Para esta análise, houve um recorte de quais contos iriam ser analisados partindo das temáticas e características em comum entre as narrativas. De *Olhos d’água*, vou abordar “Ana Davenga”, “Maria”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Quanto filhos Natalina teve?”. De *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, vou abordar “Natalina Soledad”, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, “Isaltina Campo Belo” e “Rose Dusreis”. Como aporte crítico-teórico, baseio-me nas seguintes contribuições: de Carla Akotirene e Kimberlé Crenshaw, para discutir interseccionalidade; de Lélia González e de Maria Lugones para a discussão sobre feminismo decolonial e a colonialidade de gênero.

Ainda, em se tratando de feminismo, vale ressaltar que no campo da crítica literária, ainda é escasso o material produzido a partir de discussões sobre as questões de representação e subjetividade dos sujeitos femininos negros, assim como são incipientes as discussões acerca de uma tradição literária afro-brasileira, especialmente a produção de mulheres negras. Assim, esta dissertação tem como objetivo também, o de trazer em seu embasamento teórico um número significativo de escritoras e teóricas a fim de que este trabalho não seja de forma alguma silenciado por uma voz patriarcal.

Por fim, nas considerações finais, levanto uma reflexão identificada para a questão de pesquisa delineada aqui na introdução. Adicionalmente, sobre potenciais

direções para futuras investigações fundamentadas no contexto previamente exposto.

2 FEMINISMO NEGRO: MILITÂNCIA E *ESCREVIVÊNCIA*

O presente capítulo coloca em relevo o aporte teórico desta pesquisa, apresentando a teoria e a história do feminismo negro para que se compreenda melhor as futuras análises que serão feitas. O surgimento do feminismo negro está profundamente ligado às experiências vividas por mulheres que decidiram que também tinham o direito de se expressar e, assim, deram voz ao seu mundo, apropriando-se da palavra escrita.

O nascimento do feminismo negro, como nos lembra Ângela Davis em “Mulheres, Raça e Classe” (2016) está estritamente ligado à história da escravidão nos EUA, mas reverbera em outros locais como no Brasil. Em meados do século XIX, muitas mulheres brancas participaram das lutas pela abolição dessa prática ao mesmo tempo em que articulavam demandas feministas: suas ações as levaram a se reagrupar e “fazer a ligação entre os dois grupos oprimidos (negros e mulheres)” particularmente sobre a questão do sufrágio. A união dos movimentos abolicionista e sufragista oferece a oportunidade de trazer à tona dois sistemas distintos de opressão, de vincular questões de sexo e raça, marcadas por tensões significativas que não deixaram de prejudicar as mulheres negras.

Uma vez proclamada a abolição da escravatura, várias associações falharam em formar uma frente comum e reivindicar o sufrágio tanto para negros quanto para mulheres: enquanto ativistas como Frederick Douglass (embora favorável à causa das mulheres) julgavam que o voto dos negros era uma “questão de vida ou morte” (Davis, 2016), várias feministas brancas queriam manter a superioridade de posição conferida a elas por sua “raça anglo-saxônica” (Elizabeth Cady-Stanton in Davis, 55). Nesses momentos de divisão e de conflitos, as ativistas negras se viram excluídas e marginalizadas: as feministas brancas se recusaram a se aliar a elas e criaram, além disso, uma “categoria política 'mulher'”¹ exclusiva (Dorlin, 2008). Em particular, elas invocaram a “moralidade questionável”² (*moralité douteuse*) (Dorlin, 2008) de suas colegas de cor para criar uma feminilidade normativa, em oposição à identidade negra.

O racismo e a valorização da feminilidade branca por si só não impediram a mobilização de algumas ativistas afro-americanas: Mary Church Terrell, Maria W.

¹ Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista, Elsa Dorlin, 2008.

² Tradução minha.

Stewart, Anna Julia Cooper, Frances Harper e Sojourner Truth³ de tomarem a palavra e lutarem, por meio da criação de grupos de discussão, para o reconhecimento e melhoria da sua situação sociopolítica. No entanto, tais divisões entre feministas brancas e negras deixaram sua marca e persistiram até a eclosão da segunda onda feminista em 1960.

No final da década de 1950, homens e mulheres se uniram na luta pelos direitos civis. Contudo, rapidamente, os homens restabeleceram relações hierárquicas e as mulheres foram relegadas a papéis secundários nas lutas. Dentro das organizações, foram encorajadas a desempenhar funções de secretariado, em vez de falar em comícios ou reuniões, e algumas foram até convidadas a permanecer em casa enquanto os homens "faziam a revolução" (hooks, 2019).

Determinados a reivindicar novos direitos em uma sociedade racista, alguns homens negros não hesitaram em imitar os padrões de comportamento de seus opressores. Enquanto o movimento Black Power dos anos 1960 foi uma reação contra o racismo, foi também um movimento que permitiu aos homens negros anunciar publicamente seu apoio ao patriarcado. Homens negros militantes atacavam publicamente os patriarcas brancos por seu racismo, mas também estabeleciam uma conexão de solidariedade com eles, baseados na aceitação do patriarcado e no comprometimento com esse sistema que compartilhavam. (hooks, 2019).

Em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?* Djamila Ribeiro revela suas próprias frustrações numa sociedade onde as preocupações das mulheres negras são minimizadas, quando não são simplesmente ignoradas. As grandes figuras femininas emblemáticas da resistência são muito pouco estudadas e celebradas. Para quebrar esta lei do silêncio, é preciso quebrar os estereótipos e o discurso dominante e ousar impor a sua voz no murmúrio ambiente. Se a invisibilidade das mulheres negras permanecer no movimento feminista, suas opressões continuarão a ser ignoradas, pois elas não terão tido um lugar de troca para serem nomeadas (Ribeiro, 2016). Especialmente porque as reivindicações não são as mesmas.

O Brasil, primeiro país escravista da América, foi o último a abolir a escravidão, com a Lei Áurea, decretada em maio de 1888, um dos últimos atos da Monarquia

³ Essa questão de uma feminilidade branca construída em oposição à identidade negra dará origem ao famoso discurso de Sojourner Truth, *Ain't I a Woman* (1851). Truth, uma escrava libertada, aborda a necessidade de reconhecer a experiência negra na luta pelos direitos das mulheres e lembra, em uma mensagem solitária, que ela é negra e mulher. Esse discurso ainda hoje é considerado fundador do pensamento feminista negro.

antes da promulgação da República poucos meses depois. Essa saída tardia devido à pressão dos proprietários de terras que enriqueceram com a exploração dos escravos, bem como a falta de apoio econômico e social aos libertos para a sua liberdade, os manteve excluídos da sociedade brasileira, levando um século para começar a valorizar as contribuições da cultura negra na construção da nação. Só em 1988 é que a Constituição instituiu a criminalização do racismo. E em 2003, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Lei 10.639 que promove o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana desde o ensino fundamental até a faculdade. Em 2008 também foi promulgada a Lei 11.645 que promove o ensino obrigatório de “história e cultura indígena” nas escolas.

Frente a abordagens simplificadoras que se vangloriam de combater relações opressivas, é imperativo desenvolver um pensamento político que capacite as mulheres afro-americanas e brasileiras a reivindicar seus direitos tanto individualmente quanto em conjunto, visando erradicar a complexidade de opressões que enfrentam. O feminismo negro nasce de um desejo de questionar certas reflexões colocadas, por um lado, pelo feminismo branco e, por outro, pelos movimentos de libertação negra. Notando sua ausência nos discursos que concedem a prerrogativa tanto à opressão de sexo/gênero quanto à de raça, as feministas negras se comprometem a teorizar sua própria experiência, intimamente marcada pelo sexismo, racismo e classismo.

2.1 AUTORIA DE MULHERES NEGRAS: ENEGRECENDO O FEMINISMO, A LITERATURA, A ESCRITA

Na literatura brasileira, um bom número de escritoras afrodescendentes “surgiu” no final do século 19 e início do 20, muitas vezes enfrentando obstáculos consideráveis, já que com frequência tiveram suas obras impedidas de serem publicadas, adiadas ou até mesmo completamente ignoradas. No entanto, graças à tenacidade e à mobilização dos movimentos negros, ganharam atenção no mundo acadêmico, pois a sua história é capitalizada pela sua denúncia e reivindicação. Este interesse renovado acelerou-se graças às leis aprovadas nos últimos anos: a que promove o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e a de 2012 que impõe cotas raciais às universidades para garantir o acesso de pessoas não brancas. Cabe

mencionar que em 2014 se instituiu reserva de vagas nos concursos de administração pública e em 2015, no acesso ao concurso judicial.

Ainda hoje podemos perceber até que ponto as mulheres negras continuam a aparecer nas estatísticas de exclusão da sociedade brasileira – representando geralmente a maior percentagem de mães solteiras – e continuam a ser as menos escolarizadas, as menos bem alojadas e as menos bem cuidadas. O 3º Encontro Feminista Latino-Americana, em Bertioga (Brasil), em 1985, marca a saída de uma organização de mulheres negras falando em nome de um coletivo para ganhar visibilidade no mundo do feminismo. Segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2016) que retoma as palavras da socióloga Núbia Moreira, o feminismo negro começou a se organizar mais durante o III Encontro Feminista na década de 1980, quando surgiram os primeiros coletivos de mulheres negras.

Foi nesta mesma época que a antropóloga Lélia Gonzalez fez ouvir sua voz a favor de uma descolonização do conhecimento, nas palavras da professora e pesquisadora Claudia Pons Cardoso. A estrutura hierárquica do conhecimento frequentemente resulta da classificação racial da população, já que o modelo é predominantemente promovido e generalizado por grupos brancos. Isso acaba por marginalizar outras culturas, colocando-as à margem da sociedade e, muitas vezes, rotulando-as como folclore nacional ou cultura popular.

A ativista e feminista negra, Lélia Gonzalez (2015) estabeleceu a palavra “amefricanidade”, fundindo as culturas nativas americanas e africanas do território americano, incluindo os estados do norte, o Caribe, a América Latina e a América Central, destacando assim a importância e influência de duas culturas na construção do continente americano. Trata-se de desmontar a narrativa europeia que procura posicionar-se como única construtora de uma nação onde as culturas indígenas e as oriundas da escravidão são duramente reprimidas e aniquiladas. Para além do conceito de americanidade, Lélia Gonzalez defende um feminismo afro-latino-americano que permite reunir a diáspora africana presente em território americano e facilite o panafricanismo para o estabelecimento de uma convergência de lutas. Unindo-se às vozes de ativistas negras norte-americanas, como Alice Walker, Angela Davis e Audre Lorde, Gonzalez defende a reversão da “tradição etnocêntrica” que se espalhou através do “racismo, colonialismo, imperialismo e seus impactos” (Gonzalez, 2015) e criou também o neologismo “pretuguês” que valoriza a contribuição das línguas africanas no enriquecimento e diversidade da língua

portuguesa, sem esquecer as de origem ameríndia. A grande maioria dos afrodescendentes é originária da África Ocidental e a sua língua foi proibida no Brasil. Restam apenas algumas palavras, entre as quais o dicionário banto de Nei Lopes, publicado em 1996, que lista expressões e traça certas etimologias de origem africana.

Outra voz primordial na construção de uma história negra no Brasil é a de Beatriz Nascimento. Sua pesquisa se concentra nos quilombos, comunidades autônomas fundadas por escravos fugitivos. Para ela, a história tradicional evoca os africanos apenas através do prisma da escravidão, e seu interesse reside nas revoltas dos homens livres que se libertaram da escravidão. Os quilombos sofreram intensas repressões, e os únicos vestígios remanescentes desses movimentos são os registros policiais feitos durante operações de busca e destruição de comunidades autônomas. Os indivíduos escravizados foram privados de acesso à educação, mas cultivaram uma tradição oral rica em conhecimento prático, deixando escassos registros de suas realizações. A narrativa histórica, assim, foi predominantemente moldada por perspectivas "brancas", visando minimizar e suprimir as repúblicas livres e autônomas antes que pudessem se expandir.

Conceição Evaristo surge no cenário literário num contexto em que se começa a abrir progressivamente um espaço para as mulheres negras, embora de forma ainda muito limitada e em editoras pouco conhecidas. No entanto, isso não significa que sua jornada para chegar ao reconhecimento atual foi fácil e linear. Para compreender melhor a luta de Conceição Evaristo e de outras escritoras negras no Brasil, voltaremos ao papel das mulheres negras na construção da nação brasileira. A escrita de Evaristo é um primeiro passo para tirar a história destas mulheres do esquecimento que as cercou durante vários séculos.

O ato de escrever por parte de uma pessoa afro-brasileira, originária de uma condição socioeconômica desfavorecida representa, em si mesmo, um ato subversivo. Este ato de escrever implica a inversão de dinâmicas sociais pré-estabelecidas até então. Se a luta para emergir da invisibilidade foi complicada, a de Conceição Evaristo o foi ainda mais, dada a dupla sanção dos preconceitos que lhes dizem respeito: o racismo e o machismo na sociedade.

Tal como acontece com Conceição Evaristo que, para escrever, sai do lugar onde a sociedade supunha que ela deveria evoluir e se colocar num lugar onde não era esperada. Ela afirma, por exemplo, que quando um negro brasileiro sai do lugar

que geralmente lhe é atribuído para ter sucesso na sociedade (música, dança, futebol) e decide ser escritor como ela, é perturbador. Qual é, então, o papel de escritoras negras na construção de projetos identitários da nação brasileira? De que forma suas obras dão voz a todas essas histórias de mulheres esquecidas pela História oficial – como foi o caso da Dandara dos Palmares, esposa de Zumbi dos Palmares –, muitas vezes apagadas das histórias, de momentos-chave da resistência dos escravos?

O corpo da mulher negra, desde a escravidão até os dias atuais, “tem sido considerado pelos ocidentais como o símbolo por excelência de uma presença feminina 'natural', orgânica, mais próxima da natureza, animalesca e primitiva” (hooks, 1995. p.468). No caso das mulheres negras brasileiras, a experiência do colonialismo complica esta situação. De acordo com a autora afro-dominicana Ochy Curiel, pensar sobre raça, sexo, classe e sexualidade de forma articulada:

nos dá ferramentas para entender, por exemplo, como a miscigenação como ideologia nacionalista e homogeneizadora se baseou fundamentalmente na violação das mulheres indígenas e negras pelos colonizadores, a partir de uma lógica heterossexual que leva os homens a se apropriarem dos corpos das mulheres, especialmente aquelas cujos corpos são vistos como mercadorias ou meros objetos relacionados à natureza. (Curiel, 2008, p.20)

Aqui no Brasil, essa questão se torna ainda mais crucial quando se considera a articulação entre capitalismo, sexismo, heterossexismo e o cruel racismo, que usa o silêncio imposto como uma de suas armas mais poderosas. Como Sueli Carneiro (1995) argumenta, “o estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado e a miscigenação resultante criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira”.⁴

Para a filósofa Sueli Carneiro, o racismo agrega à hierarquia de gênero. Para acabar com isso, todas as formas de opressão devem ser combatidas. A luta deve ser travada de ambos os lados, ou seja, pelas mulheres brancas, embora limitem a possibilidade de emancipação das mulheres negras, com atos de racismo cotidiano e pelas próprias mulheres negras que devem persistir na denúncia dos abusos e da contínua escravização que enfrentam. Para muitas e muitos pensadores contemporâneos, incluindo Sueli Carneiro, a domesticação de mulheres negras em lares ricos é uma continuação da escravatura, reconhecidamente com menos castigos físicos, mas psicológica e economicamente igualmente eficaz:

⁴ Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 3, n. 2, pp. 544-552, 1995.

Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.”⁵ (Carneiro, 2005).

Apesar do papel decisivo das mulheres negras na formação da nação brasileira, este fato tem sido muitas vezes minimizado, até mesmo apagado da história. Contudo, é importante resgatar essas memórias para compreender a história brasileira sob outra perspectiva. Muitos escravos resistiram à sua condição de diversas maneiras, incluindo: envenenamento, fuga, rebelião, etc..No que diz respeito às escravas, muitas recorreram ao aborto através de plantas medicinais ou então mataram seus filhos ao nascer, para que nunca tivessem de viver o horror da escravidão, como nos recorda a historiadora e antropóloga Sonia Giacomini em seu estudo sobre a condição de mulheres negras no Brasil:

Não seria, no entanto, descabido identificar na prática do aborto e do infanticídio uma forma de resistência da escrava seja às péssimas condições oferecidas à procriação, seja ainda a inevitável condição escrava que legaria em herança aos filhos. Os infanticídios, vistos sob esse prisma, seriam, sobretudo, a única e trágica forma visualizada pela mãe escrava para livrar seus filhos da escravidão. (Giacomini, 1988, p. 26)

Somente em 2013 que as trabalhadoras domésticas obtiveram os mesmos direitos dos demais trabalhadores graças a uma ementa constitucional. Posteriormente, em 2015 uma nova lei (lei doméstica – Lei complementar nº 150) regulamentou determinados direitos, mas com a recessão dos últimos anos, muitas delas voltaram ao trabalho ilegal ou a serem pagas por hora, o que as torna mais precárias. Num país que tem o maior número de trabalhadoras domésticas do mundo, com quase 6 milhões de empregadas, na sua maioria mulheres negras, e onde os negros em geral ganham pouco mais da metade dos salários dos brancos, sua luta continua a ser mais atual do que nunca. O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática que

⁵ *Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf.

mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período escravista (Carneiro, 2005, p. 23).

No Brasil, às vezes falamos em “meritocracia” quando citamos, como exemplo, pessoas nascidas em condições desfavorecidas e que, apesar das barreiras existentes na sociedade brasileira, conseguiram subir na hierarquia social, através de muito trabalho e perseverança. Evaristo não se sente confortável com esse conceito, principalmente quando é utilizado para ilustrar sua trajetória pessoal. Como uma das raras escritoras faveladas, sua história de vida é excepcional. Porém, é importante que isso não diminua a luta de muitos outros afro-brasileiros que, apesar das provações que enfrentam diariamente, ainda não conseguem mudar de vida.

Além disso, Conceição lembra que seu trabalho como escritora só começou a ser reconhecido aos setenta e um anos. Seu trabalho permaneceu desconhecido por vinte anos, embora ela o tenha enviado a diversas editoras. Como aponta Conceição Evaristo, quando a temática em torno da literatura afro-brasileira decide ir além do folclore e opta por adotar um tom mais protestante, que não aceita mais que a voz dos afro-brasileiros seja usurpada, essa literatura é menos aceita pelo discurso hegemônico e dominante da sociedade brasileira. Assim, ela gosta de questionar as regras presentes na hierarquia social que a tornaram famosa tão tarde, embora escreva desde criança:

Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos? Enquanto você vê outras expoentes na literatura que às vezes são meninas com idade para serem minha neta, mas como vêm de um grupo social diferenciado do meu, são mais jovens, são brancas, têm sua competência logo revelada? Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? [...] É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras. O discurso da meritocracia e os exemplos de pessoas negras que acabam se constituindo em uma exceção são perigosos. Porque cria-se esse imaginário de que, se a pessoa estudar, trabalhar, se esforçar, ela consegue. Isso é mentira. Conheço várias pessoas que estudaram, trabalharam, lutaram e não conseguiram. Ficaram pelo caminho. Esse discurso passa a impressão de que as pessoas que não conseguem são preguiçosas. Não é isso. É um esforço sobre-humano. E, sem sombra de dúvida, eu queria ter conseguido as coisas com muito mais facilidade. Volto a falar: Eu tenho 71 anos. 71 anos não são 71 dias. É claro que estou feliz com o reconhecimento, mas essas conquistas

se dão depois de muito tempo de luta. Podia ter sido um pouquinho mais fácil. (Evaristo, 2018)⁶

Assim, ao querer quebrar o mito da meritocracia em torno de sua trajetória pessoal, Conceição agrega ao seu trabalho um valor político extremamente importante: o de dar voz a quem não pode ter ou não quer ouvir, a quem não conseguiu alcançar a escada da meritocracia brasileira.

Observemos, portanto, como Conceição Evaristo, através de suas histórias pessoais e de suas obras, são representativas das lutas das mulheres brasileiras que estão envolvidas em projetos alternativos, destacando o papel das mulheres e sua participação na história do país, desafiando o imaginário e minando a ordem estabelecida.

Para isso, o uso de um eu coletivo pode ter uma função restauradora nas comunidades afro-brasileiras. Trata-se de reparar uma falha identitária presente no imaginário coletivo devido a séculos de escravidão, opressão e racismo. Como lembra Conceição Evaristo, em entrevista à BBC Brasil, em 2018, o Brasil comemora cento e trinta anos de abolição inacabada da escravatura, pois “nós e a população pobre em geral, e mais ainda as mulheres negras, ainda não conquistamos uma cidadania plena no que diz respeito a habitação, emprego, condições de vida.”⁷ A autora afirma ainda, que o Brasil tem uma dívida histórica com a população negra e, principalmente, com as mulheres negras que sempre sofreram com vários tipos de proibições ligadas ao gênero e à raça, dificultando-lhes o acesso a determinados direitos e espaços.

Daí a importância de uma pensadora como Conceição Evaristo no contexto brasileiro, pois ela dá voz aos marginalizados da sociedade brasileira, reescrevendo a história do Brasil a partir de seu ponto de vista, destacando as dinâmicas sociais implementadas durante a escravidão e que são excludentes e discriminatórias para os negros. Tudo isso permite, através da obra literária, a reivindicação de condições dignas de cidadania bem como a dívida histórica que o Brasil tem para com a população negra, importante agente da construção da nação.

A palavra *escrevivência* que Conceição carrega desde sua dissertação de mestrado (em 1995) tenta dar conta de uma escrita, de uma literatura de mulheres negras. Quando se trata da escrita produzida por mulheres negras, encontramos

⁶ Entrevista concedida à jornalista Júlia Dias Carneiro, colunista da BBC Brasil no RJ, em 09 de março de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

⁷ Entrevista concedida a BBC Brasil em 09 de março de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>

certas especificidades, pois não pretende ser uma simples escrita de si na medida em que busca ressonância na comunidade. Há traços característicos dessa escrita que apelam para a voz coletiva, uma voz feminina. É uma voz plural comum às mulheres negras, uma escrita resultante das experiências vividas por elas.

A palavra é sobretudo marcada da relação intrínseca entre a experiência individual e a história das mulheres negras. *Escrevivência* está, assim, ligada à história das mulheres africanas que se tornaram escravas no Brasil e de suas descendentes, também escravas. Um dos papéis atribuídos a essas mulheres era o de contar histórias para embalar os filhos da "casa grande", a casa dos senhores colonizadores. Se antes as mulheres tinham o dever de embalar os filhos dos patrões, "hoje nossa *escrevivência* já não os faz dormir, pelo contrário, acorda-os de seus sonos injustos." (Evaristo, 2019)

As palavras de Conceição em suas narrativas, principalmente em *Ponciá Vicêncio*, nos fazem refletir sobre a terrível escolha que algumas pessoas enfrentaram na época, preferindo a morte a ver seus próprios filhos sendo vendidos, mesmo quando a Lei do Ventre Livre estava em vigor. Esse fato destaca o profundo sofrimento e as duras realidades que as pessoas negras enfrentaram durante esse período da história brasileira. A obra de Conceição Evaristo serve como um lembrete poderoso de que a literatura tem o poder não apenas de entreter, mas também de nos fazer refletir sobre questões cruciais de nossa sociedade e história.

O princípio construtivo do termo *escrevivência* vem da conexão da autora com seu tempo e seu país. O conceito oferece para o mundo a possibilidade de reescrever, pensar o mundo a partir daqueles que estão na borda, na margem, que enxergam o mundo de uma forma deslocada, assim como suas personagens que vivem de forma resiliente enfrentando esse mundo, por meio de sua expertise e resistência. *Escrevivência* não é apenas a junção de escrita e experiência, ou escrita e vivência, mas ao fazer uma justaposição desses dois termos, temos uma possibilidade de uma expressão que podemos não só pensar como ocorre a vida das pessoas excluídas, como se desenvolve a escrita de uma mulher que está nas bordas e como essa escrita é uma experiência vibrante e profunda do nosso tempo que alcança a todas, todes e todos, tanto os escravizados, os espoliados, as excluídas, quem está na borda e quem está no centro. Há um movimento duplo do individual, das narrativas pessoais em direção a esse movimento que é afrodiaspórico.

2.1 A LITERATURA NEGR0-FEMINISTA E O MERCADO EDITORIAL

Em conferência realizada em julho de 2017, em Ille sur Têt, sul da França, Conceição Evaristo mencionou as dificuldades que as autoras negras encontram para obter visibilidade no "apartheid do mercado editorial brasileiro", assim chamado por ser controlado pela produção literária branca. Ainda assim, o Brasil é considerado o segundo país do mundo com população majoritariamente negra. Segundo o IBGE⁸ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), subiu para 212, 7 milhões o número de pessoas que se declaram negras e ou pardas, alta de 7,6% se comparado ao ano de 2012. No entanto, o mercado editorial brasileiro está longe de refletir essa realidade.

De acordo com o estudo realizado por Regina Dalcastagné⁹ (2005) sobre o perfil dos escritores brasileiros contemporâneos que publicaram entre 1994 e 2004, 93,9% deles são brancos e 72,7% são homens com idade em torno de 50 anos, a maioria residente no Rio de Janeiro ou São Paulo. O norte do país é representado por dois escritores amazonenses (1,2%). Dos 258 romances que a pesquisadora analisou em 2005, o personagem mais comum é um homem, branco, heterossexual, intelectual de classe média e residente em grandes centros urbanos. De todos esses romances, apenas três protagonistas são afro-brasileiros, e em 56,6% deles os personagens negros estão simplesmente ausentes. Em relação a outros grupos como mulheres, homens negros ou mulheres brancas, quando aparecem, é de forma estereotipada. As mulheres brancas são donas de casa, as mulheres negras são empregadas domésticas ou prostitutas, os homens negros são bandidos e os adolescentes negros são viciados em drogas. Dalcastagné mostra até que ponto esse contexto de produção literária é pouco animador para grupos minoritários porque apenas reproduz os modelos de exclusão da sociedade brasileira.

Na Feira do Livro de Frankfurt de 2013, da qual o Brasil foi o convidado de honra, o Ministério da Cultura Brasileiro convidou 70 escritores para compor a delegação nacional. Apenas um escritor negro fez parte dela, Paulo Lins, autor de "Cidade de Deus", e um escritor indígena, natural de Belém, Daniel Munduruku (autor

⁸ <https://www.poder360.com.br/brasil/populacao-crece-com-mais-pessoas-negras-e-pardas/>

⁹ O artigo apresenta e analisa os resultados de uma pesquisa sobre 258 romances de autores brasileiros publicados pelas três mais importantes editoras do país entre 1990 e 2004. Os dados mostram que o romance brasileiro contemporâneo privilegia a representação de um espaço social restrito. Os personagens desses romances são em sua maioria brancos, homens e de classe média (Dalcastagné, 2005).

de “Coisas de índio” e “Coisas de Onça”, entre outros). Este estado de coisas levou o jornal alemão *Süddeutsche Zeitung* a questionar o racismo nos critérios de seleção. Após a polêmica, o Brasil ofereceu uma delegação um pouco mais diversificada na Feira do Livro de Paris 2015, onde o país voltou a ser destaque. De fato, segundo o jornal Folha de São Paulo, 20 dos 43 escritores (46,5% do total) que compuseram a comitiva estiveram na feira de Frankfurt. Além dos autores já mencionados, havia dois autores indígenas e cinco autores negros, e Conceição Evaristo era um deles. Mas não é apenas nos eventos literários fora do Brasil que os escritores negros brasileiros são excluídos. Assim, em 2016, durante a mais importante feira literária do país, em Parati, no estado do Rio de Janeiro, que teve como tema “mulheres”, havia 17 escritoras brancas, mas nenhuma negra havia sido convidada. Essa situação gerou uma mobilização intitulada “Cadê nossas escritoras negras na Flip (Feira Literária de Parati), 2016?”, coordenada pela professora Giovana Xavier da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse é apenas um exemplo de exclusão de grupos minoritários.

A ausência de intelectuais negra(o)s na produção literária brasileira não se deve ao fato de eles serem inexistentes, mas sim ao fato de serem sistematicamente excluídos dos circuitos literários. Isso nos remete à afirmação de Grada Kilomba (2010) quando afirma que os grupos minoritários passam por um projeto sistemático de satisfação que controla suas possibilidades de serem ouvidos ou lidos: no contexto do racismo, o domínio da fala torna-se um mecanismo de opressão por excelência que os brancos precisam controlar, amordaçando e tornando invisíveis as palavras e/ou escritas das minorias. Os obstáculos e as dificuldades encontradas por escritoras negras para serem publicadas e lidas levaram Evaristo a afirmar, no prefácio de *Ponciá Vicêncio*, que escrever e publicar é um ato de rebeldia que se opõe ao papel que a sociedade brasileira atribui às mulheres negras.

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnico-racial e a social.” (Editora Pallas, 2018)

3 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: CONCEITO

Seguindo a discussão histórica do capítulo anterior e ampliando para um aporte literário, é possível considerar que a literatura negra se baseia em uma função fundamental que envolve uma inversão do papel atribuído aos escritores negra(o)s, que recusam o lugar de objetos do discurso histórico e literário para reivindicar-se serem tratados como sujeitos desses discursos. Especialmente no que diz respeito às mulheres negras que produzem literatura, esta operação decorre segundo uma estrutura que articula não só as desigualdades raciais e de classe, mas também o forte sexismo presente na nossa sociedade.

Muitos estudiosos questionam a existência de uma literatura afro-brasileira. Segundo Eduardo de Assis Duarte, essa literatura existe e é tão contemporânea quanto antiga. Os seus vestígios podem remontar ao século XVIII. E se trata de uma produção que é múltipla e diversificada. Embora não se encontre facilmente nos espaços históricos e culturais da constituição do Brasil como povo:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento como sujeitos ligados a uma etnia afrodescendente cresceu em volume e passou a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que crescem as reivindicações do movimento negro e ganhando visibilidade institucional. A partir de então, a reflexão acadêmica sobre esses estudos que, ao longo do século XX, foi objeto quase exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, também cresceu, mas não com a mesma intensidade. (Duarte, 2011, pp. 375-376)

Alguns autores que fazem parte do cânone literário brasileiro como: Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Souza foram deliberadamente "branqueados" pela História, são autores afro-brasileiros cuja contribuição para a formação da literatura brasileira é indiscutível. Na década de 80, o surgimento da revista *Cadernos Negros* representou uma enorme reviravolta no cenário literário brasileiro. O lançamento desta revista foi financiado pelos próprios autores, para superar as dificuldades de publicação por grandes editoras brasileiras. O objetivo inicial era evidenciar a experiência, as dificuldades, as esperanças dos afro-brasileiros por meio da literatura. Estas primeiras publicações são sobretudo orientadas para a poesia, para finalmente se centrarem na prosa, mais particularmente nos contos, uma vez que são melhor adaptados ao formato da revista.

Para Duarte, é evidente que a emergência de uma classe média negra no Brasil, assim como um número crescente de profissionais que se formaram na

universidade e buscam seu lugar no mundo do trabalho e o lugar de leis, como a lei 10.639/2003, tem contribuído para a construção de um ambiente favorável à presença mais significativa das narrativas marcadas pela etnia afro-brasileira (Duarte, *ibid.*, p. 376).

Apesar da emergência desse fenômeno recente, e ainda em construção no campo da literatura brasileira, a própria definição do conceito de literatura negra ou afro-brasileira é problematizada. Aliás, muitos pesquisadores questionam esse termo, como Ironides Rodrigues, um dos mais importantes intelectuais da geração anterior ao movimento Quilombo hoje¹⁰. Em entrevista a Luiza Lobo, Rodrigues afirma que a literatura afro-brasileira se limita necessariamente àquela produzida por um brasileiro preto ou mestiço:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266)

Domício Proença Filho ao contestar as limitações do critério temático, procurou um compromisso entre a ideia de uma literatura baseada na etnicidade e a escolha do tema feita pelo autor. Para isso, ele propõe um duplo sentido para o termo:

À luz dessas observações, será **negra**, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros. (PROENÇA FILHO, 1988, p. 78, grifos do autor)

Podemos perceber com esta sucessão de tentativas de definições de literatura negra e afro-brasileira feitas por especialistas que esta é uma questão extremamente complexa e longe de ser resolvida. De fato, as definições do conceito de literatura negra no Brasil são inúmeras, plurais e divergentes.

Essas perspectivas divergentes e por vezes contraditórias, podem ser explicadas pelo que se chama de “lugar da fala”. O conceito de lugar de fala foi recentemente popularizado pela filósofa e ativista negra brasileira Djamila Ribeiro. Em “Lugar de fala” (Ribeiro, 2019), ela levanta a hipótese de que, sendo seres marcados

¹⁰ Coletivo cultural cujo objetivo era incentivar a leitura e a produção literária dos afro-brasileiros. É também a editora responsável pela publicação dos “Cadernos Negros”.

por características de gênero, etnia ou sexualidade, todos nós temos um lugar de fala muito distinto (ibid., p. 81), profundamente ligado à nossa experiência pessoal na sociedade. No entanto, a pesquisadora insiste que, ao falar de lugares, também rompemos com a ideia de que “Apenas os subordinados podem falar sobre suas localizações, o que significa que os indivíduos inseridos na norma hegemônica nem sequer pensam em si mesmos. Em outras palavras, homens cisgêneros brancos precisam estudar branquitude, cisgênero, masculinidades.” (ibid., pp. 81-82).

Para tentar entender esse fenômeno, poderíamos primeiro olhar para o termo “afro-brasileiro”. Podemos nos surpreender ao descobrir que esse termo evoca descendentes afro-brasileiros. É verdade que é mais comum ouvir o termo “afro-americano” para designar os negros americanos. No entanto, a expressão vem se tornando cada vez mais popular ao longo dos anos, e a discussão em torno da identidade negra brasileira tem muito a ver com isso.

Em primeiro lugar, o termo “afro-brasileiro”, do ponto de vista puramente semântico, refere-se ao doloroso processo de mestiçagem ocorrido no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Foi e é um processo de hibridação étnica, linguística, religiosa e cultural (Duarte, op.cit., p. 381). Embora muitos vejam o surgimento do termo “afro-brasileiro” como um avanço, uma vontade de resgatar e revalorizar a contribuição cultural africana para o Brasil, para alguns, como Luís Silva (Cutti), a expressão funciona como um elemento atenuante que diluiria o sentido político de afirmação identitária representado pelo uso do termo “negro” como elemento de autoafirmação racial (ibid., p. 382).

Ainda segundo Eduardo de Assis Duarte, para criar um sistema de categorização da literatura afro-brasileira é necessário descobrir quais seriam seus possíveis indicadores. Um dos primeiros elementos que podem contribuir para um sistema é o tema. Com efeito, tal sistema possibilitaria resgatar a história do negro na diáspora brasileira, seja pela revolta contra a escravidão, seja pela glorificação de certos heróis de movimentos de resistência como Zumbi dos Palmares. Um dos primeiros romances que denunciam a escravidão é *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, ou mesmo *Motta Coqueiro* (1877), de José do Patrocínio. Também encontramos denúncias mais sutis nas obras de Cruz e Sousa e em certos romances, contos e crônicas de Machado de Assis. São muitos os textos que tentam reconstruir a memória das lutas daqueles que não quiseram se submeter à vida no cativeiro bem como as histórias gloriosas dos quilombolas presentes em *Palmares, de Solano*

Trindade (1961) ou *Dionísio esfacelado* (1984), de Domício Proença Filho (Duarte, op.cit.).

Ainda para Duarte, a existência destas obras contradiz diretamente o discurso colonial que, como Fanon (1983) apontou, trabalha para o apagamento de qualquer história, cultura ou civilização existente além dos limites da sociedade branca dominante (ibid., pág. 386). Na tentativa de definir a literatura afro-brasileira a partir de escolhas temáticas voltada para as tradições culturais ou religiosas africanas que sobreviveram à travessia do Atlântico, observamos nas obras literárias mencionadas anteriormente a riqueza de mitos, lendas e um imaginário afro-brasileiro muitas vezes ancorado na oralidade. Embora o resgate dessas tradições seja extremamente importante para a construção de uma identidade afro-brasileira positiva, Duarte afirma que:

No entanto, a abordagem das condições passadas e presentes de existência dos afrodescendentes no Brasil não pode ser considerada obrigatória, nem se transformar numa camisa de força para o autor, o que redundaria em visível empobrecimento. Por outro lado, nada impede que a matéria ou o assunto negro estejam presentes na escrita dos brancos. (DUARTE, op.cit., p. 387)

Outra característica definidora da literatura afro-brasileira seria a autoria. Como Duarte claramente aponta, esta é uma das questões mais controversas. Na verdade, envolve fatores biográficos e fenotípicos, bem como a defesa realizada por alguns pesquisadores de uma literatura afro-brasileira de autoria branca. Há também autores afro-brasileiros que não se afirmam com tal e não incluem essa característica em seu projeto literário, como Marilene Felinto, entre outros. Tais fatos nos lembra da necessidade de não reduzir um autor a fatores externos, como sua cor de pele ou condição social (ibid., p. 388). No entanto, para Duarte, a interação entre escrita e experiência na literatura brasileira contemporânea está no centro desta instância:

A instância da autoria como fundamento para a existência da literatura afro-brasileira decorre da relevância dada à interação entre escritura e experiência, que inúmeros autores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artistas da palavra. (ibid., p. 389)

Como a característica de autoria seria insuficiente para alguns definirem o que é literatura afro-brasileira, Duarte propõe a hipótese do ponto de vista adotado pelo autor que indica uma visão de mundo e seu universo axiológico. Nesse contexto, a ancestralidade africana ou o uso do mesmo tema seriam insuficientes. Seria preciso

adotar uma perspectiva que se identifique com a história e a cultura afro-brasileira (ibid., p. 391).

Para Duarte, a linguagem seria também uma característica importante que marcaria a diferença cultural no texto literário. A identificação com a cultura afro-brasileira se dá por meio do uso de vocabulário pertencente às línguas africanas inseridas no processo transcultural de construção da nação brasileira, que inclusive é caracterizada por uma discursividade que enfatiza ritmos, entonações próprias que se contrapõem ao modelo da língua portuguesa, geralmente presente na literatura brasileira (ibid., p. 394). A linguagem tem, portanto, um significado político, como bem apontou Conceição Evaristo:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (Evaristo, 2007, p. 21).

Por fim, uma das últimas características que definiriam a literatura afro-brasileira para Duarte seria o público. Com efeito, como afirma Duarte:

A formação de um horizonte recepcional afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura distingue-a do projeto que norteia a literatura brasileira em geral. A constituição desse público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta de algo utópico do projeto literário afro-brasileiro, sobretudo a partir de Solano Trindade, Oliveira Silveira e dos autores contemporâneos. (Duarte, op.cit., p. 397)

Dessa forma, a inversão de valores e o combate a estereótipos são processos que sublinham o papel social da literatura para a construção da autoestima. Além disso, títulos como: *Axé*, *Cadernos Negros* ou *Quilombo de palavras* dirigem-se diretamente a um público específico (ibid., p. 398). Trata-se de um fato de extrema importância, pois demonstra uma vontade de dar visibilidade à grande parte da população e da sua cultura que, até então, tinha sido constantemente silenciada.

A escritora Ana do Santos, em sua dissertação, intitulada *Os contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra: diáspora, gênero e descolonização*, sobre a conceitualização da literatura em “negro” ou “afro-brasileira” diz que “depende das definições do que venha a ser um sujeito negro ou afrodescendente” (Santos, 2021). A princípio, se pararmos para pensar, todos somos afrodescendentes, visto que o berço da civilização é o continente africano, porém, no

Brasil, quem se diz afrodescendente? Se formos pesquisar os dados do IBGE, veremos que a maioria da população se afirma como não branca, embora isso não aconteça na prática, muitos passam por “brancos”, para manter privilégios. Santos concorda com o conceito de Cuti quando este denomina Literatura Negro-brasileira (2010). A circulação dessa literatura visa alcançar os leitores negros para que possa acontecer a identificação e a representação que o leitor negro procura:

No tocante à literatura, é com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que haverá um entusiasmo para que a vertente negra da literatura brasileira se descongele da omissão ou do receio de dizer a sua subjetividade. (...) nos primeiros anos do século XX, associações negras de várias partes do Brasil começavam a oferecer uma recepção mais solidária para os escritores, entusiasmando-os a escrever, tendo como endereço direto o leitor negro. Com isso, os autores passam a incluir na sua temática o protesto, desenvolvendo no texto uma consciência crítica. (Cuti, 2010, p. 28-29).

A literatura negro-brasileira é representada por escritores precursores que não tiveram o reconhecimento devido em vida. Tais escritores, como Miriam Alves, Cristiane Sobral, Ana Maria Gonçalves, Jeferson Tenório, além da própria Conceição Evaristo, precisam de uma pesquisa séria que se debruce sobre suas produções que desde sempre afirmaram a existência de uma consciência negra e de um compromisso social com a luta antirracista,

Assim, partimos não apenas do conceito de interseccionalidade, formulado pela jurista norte-americana Kimberlé Crenshaw (1993), mas de formulações anteriores vinculadas ao feminismo negro radical dos anos 1970 e autoras como bell hooks, que assinalou tal articulação em sua obra já na década de 1980. Em um artigo sobre intelectuais negras, hooks analisa os problemas particulares enfrentados pelas mulheres negras que atuam como intelectuais, dados os estereótipos associados a esse grupo social. A autora afirma que o “sexismo e racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia da representação negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que está neste planeta acima de tudo para servir aos outros” (hooks, 1995)

Evaristo (2009), no artigo “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, fala de um grupo representativo de escritores (as) afro-brasileiros (as) e vozes críticas acadêmicas que vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira: Esse *corpus* se constituiria como uma produção

escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira.

Por outro lado, a escritora também lembra de estudiosos, leitores e escritores (as) que negam a literatura afro-brasileira, pois defendem que a arte é universal e estes ainda não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes institua um modo próprio de produzir e conceber um texto literário, mesmo com todas as marcas estéticas e ideológicas. Nesse sentido, Evaristo (2009), enquanto pesquisadora e escritora, pensa a sua própria escrita e afirma “não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas a presença de uma vertente negra feminina”. Em sua reflexão sobre o texto literário negro ela diz:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil (Evaristo, 2009, p. 18).

Para a autora, as heranças culturais podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporadas à cultura brasileira, reconhecidas em diversos produtos culturais, a exemplo do samba. Assim,

Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? Por que, na diversidade de produções que compõe a escrita brasileira, o difícil reconhecimento e mesmo a exclusão de textos e de autores(as) que pretendem afirmar seus pertencimentos, suas identificações étnicas em suas escritas? (Evaristo, 2009, p. 18).

Nesse texto, a escritora questiona o conceito de literatura canônica, formulado por classes detentoras do poder político-econômico. Para exemplificar este pensamento, Assis Duarte nos lembra, novamente, da escrita de Maria Firmina do Reis e Machado de Assis, autores que vivenciaram a hegemonia do embranquecimento do século XIX. Segundo Duarte, o pensamento científico da época os impedia de se declararem negros, mas reitera que, ao mesmo tempo, eles tiveram na sua escrita uma forma de retorno, que não era um ponto de vista externo e nem descompromissado; “Firmina, explicita um olhar não branco e não racista” (Duarte, 2010).

Percebemos na literatura afro-brasileira um conceito em construção que abarca denúncias, afetos, afirmação identitária, subjetividades, tensões históricas e culturais, é interseccional. Evaristo nos ajuda a perceber essa construção quando diz: [...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (Evaristo, 2009, p. 18).

3.1 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

É assim, em um ambiente hostil do mercado literário brasileiro, que surge Conceição Evaristo, com seu estilo imbuído de uma verve poética definida na arte da *escrevivência*, conceito desenvolvido por ela para contar sua experiência de vida e sua subjetividade como escritora, negra, brasileira. A autora declara sua nacionalidade com um hífen (afro-brasileira) para celebrar sua ancestralidade africana. Já a *escrevivência* é um projeto literário (2005) no qual a construção dos personagens se faz a partir da autorrepresentação da escritora impregnada de sua dupla condição, a de ser mulher e ser negra, daí as temáticas presentes nas suas obras ficcionais com foco na vida cotidiana de mulheres afro-brasileiras. A maioria de seus narradores são mulheres negras, o que resulta em uma literatura inclusiva que pode ser caracterizada como literatura afro-feminista.

Os estudiosos da produção literária de Conceição Evaristo a definem como afro-feminista, pois ela se dedica conscienciosamente a criar personagens, negros e negras, longe dos estereótipos negativos que encontramos na literatura, de maneira geral (Cordeiro e Barbosa, 2015). Para ela, o mais importante é restituir a humanidade desses personagens tão depreciados na literatura canônica brasileira. É o caso do romance “Ponciá”, que tem como tema as condições de vida dos afro-brasileiros no período da pós-abolição da escravidão (1888). A personagem de Ponciá, em busca de sua ancestralidade africana, atravessa um drama individual e ao mesmo tempo coletivo, ressoando com o que sentem muitos brasileiros que, como ela, gostariam de conhecer suas raízes africanas. Todavia, na sua individualidade, Ponciá é descrita como uma pessoa solitária e, embora a solidão seja uma característica do ser humano, atribuir a problemática da solidão a uma personagem negra é para

Conceição, devolvê-la ao lugar na humanidade onde sempre esteve e que lhe foi negado.

Segundo a pesquisadora Ana Rita Santiago da Silva,

A literatura afro-feminista é uma produção literária de mulheres negras composta por temas femininos/feministas negros associados a estratégias políticas emancipadoras e alteridades, envolvendo narrativas femininas/feministas através de elementos e segmentos de memórias ancestrais, tradições e culturas afro-brasileiras, passado histórico e experiências vividas, positivas ou negativas, com mulheres negras. Através deste projeto literário, surgem discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de qualquer submissão, usam a escrita para forjar uma estética textual na qual elas (re)inventam e cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros (Silva, 2010, p.178).¹¹

Faço aqui um paralelo entre o que as autoras citadas declaram e o que diz bell hooks (1995, p.72) sobre a necessidade que alguns intelectuais negros sentem de defender a humanidade dos negros, incluindo suas capacidades de raciocínio lógico, de pensamento coletivo e de escrita lúcida. De acordo com hooks, o peso desse fardo pode ser inevitável para os negros em um ambiente intelectual branco, o que muitas vezes pode determinar o conteúdo e o caráter da atividade intelectual negra. E, segundo Assunção Sousa e Silva (2017), a escritora desenvolve suas narrativas dando destaque maior aos personagens do que à própria trama, o que gera uma identificação imediata dos leitores com as histórias que estão sendo lidas e compartilhadas.

Uma das maiores escritoras do país, consagrada após seus 60 anos de idade, Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946, filha de Joana Josefina Evaristo e daquele que considerava seu pai, Aníbal Vitorino. Ambos de origem humilde, a mãe trabalhava como lavadeira e o padrasto como pedreiro. É a segunda filha em uma família de nove irmã(o)s e a única a obter um diploma universitário. Não nasceu rodeada de livros, mas sua casa vazia de bens materiais era rodeada de palavras que, segundo a escritora, “aprendi desde criança a colher palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre.”¹² Inclusive, as casas em que sua mãe, suas tias e primas trabalhavam eram

¹¹ Ana Rita Santiago da Silva em “A Literatura de escritoras negras: uma voz (Des) silenciadora e emancipatória”. *Interdisciplinar* Ano 5, vol. 10, 2010.

¹² Disponível nos dados biográficos da escritora disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/188-conceicao-evaristo>

de famílias ou de amigos de escritores, logo a relação de Conceição Evaristo com a literatura começou muito antes, quando pequena, nas bibliotecas de casas (grandes) de escritores mineiros ou, ainda, quando ganhou o concurso de redação da escola, em 1958, com o título “Por que me orgulho de ser brasileira”, para o desgosto de muitos professores na época.

As mulheres de sua família queriam que a nova geração fosse alfabetizada e assim foi que Conceição Evaristo teve acesso ao livro *Quarto de Despejo* (1958), de Carolina Maria de Jesus, que iniciou uma tradição literária e que motivou a mãe de Evaristo, dona Joana, a escrever também seu próprio diário. A obra de Carolina toca profundamente aquela(s) que veem no enredo e nos personagens a história da sua própria família:

quando o diário de Maria Carolina de Jesus rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos. (Evaristo, 2009)¹³

Conceição Evaristo iniciou o processo de escrita na infância, escrevendo cartas, contos e poemas. Mas foi só nos anos 90, aos 44 anos, que publicou seu primeiro texto em uma antologia anual de referência, *Cadernos Negros*, que reúne textos de escritores negros brasileiros. Em 1988, Evaristo escreveu seu primeiro romance, *Becos da Memória*, narrativa que trata dos dramas sociais vividos pelos afro-brasileiros durante o processo de gentrificação de uma favela. Em 2003, foi publicado *Ponciá Vicêncio* que foi traduzido para o inglês em 2008 e publicado nos Estados Unidos em 2009, tornando-se assim visível em seu próprio país. Vale ressaltar que *Becos da memória* só foi publicado em 2006, quase 20 anos depois de tê-lo escrito, após ambos os romances terem sido rejeitados ou ignorados por algumas editoras, foram publicados por conta da autora pela editora Mazza, editora esta que traz em seu catálogo temáticas de diversos aspectos da cultura afro-brasileira a partir de autoras e autores brasileiros, contribuindo assim para o debate acerca da diversidade sociocultural do nosso país.

¹³ Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras. Belo Horizonte, maio de 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/188-conceicao-evaristo>

Ponciá Vicêncio e *Becos da memória* são inspirados em histórias contadas pelos idosos no seio de suas famílias, e ouvidas quando ainda era criança. São relatos orais herdados de memórias do período da escravidão que fazem parte das rodas de conversa familiares. Em ambas as obras, a experiência do Holocausto vivido pelas populações africanas, o trauma da escravatura e as suas consequências pós-abolição são temas recorrentes, o que levou alguns estudiosos, como o pesquisador Wellington Vieira, a comparar a riqueza do seu projeto literário com o da escritora norte-americana Toni Morrison, que frequentemente evoca os traumas psíquicos raciais infligidos aos negros durante a escravidão e após sua abolição (Vieira, 2012)¹⁴

Em 2011, Evaristo lançou *Insubmissas Lágrimas de mulheres* em que mais uma vez trabalha o universo das relações de gênero em contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2014, *Olhos d'água*, livro que reúne 15 contos, foi publicado, e ganha o prêmio Jabuti em 2015. Em 2016, lançou mais um volume ficcional *Histórias de leves enganos e parecenças*. E, por último, em 2018, lançou *Canção de ninar menino grande*. Três de suas obras foram traduzidas para o francês e publicadas pela editora francesa Anacaona: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (traduzida como *Insoumises*, em 2017), *Becos da memória* (em francês, *Banzo, mémoires de la favela*, 2016) e *Ponciá Vicêncio* (traduzido como *L'histoire de Poncia*, 2015).

Diante da repercussão de sua obra, Evaristo toma cuidado para não cair na armadilha de vincular sua trajetória à falsa ideia de meritocracia, não querendo ser considerada a “exceção negra”, aquela que trabalhou muito e conseguiu, e porque para ela, a pobreza pode ser um lugar de aprendizado somente se for superada. Caso contrário, a pobreza se torna o fermento da revolta, da impotência e da incompreensão. Conceição Evaristo afirma ainda que sua literatura não é pior nem melhor que outra, mas que nasce de uma experiência diferente, motivo de orgulho, o que ela não procura esconder.

Após terminar seus estudos na Escola Normal em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970 para ingressar no magistério público. Lá, no Rio, ela encontrou um Movimento Negro mais forte, em paralelo com o momento histórico marcado pela população negra norte-americana por direitos civis e pelos

¹⁴ VIEIRA, Wellington Neves. “Entre recordações e traumas: Conceição Evaristo e Toni Morrison”. *Revista Fórum, Identidades*, GEPIADDE, ano 6, vol. 12, nº 12, 2012.

movimentos de descolonização dos países africanos. Em 1976, Conceição iniciou sua graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pausa, por conta do nascimento de sua filha, Ainá, tendo concluído o curso em 1980. Nesse período, Conceição Evaristo participou do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, que atuava recitando textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, além de outras atividades. Em 1996, Conceição Evaristo se tornou mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1996, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense em 2011. Assim, além da obra literária, ela também tem produzido reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana.

Recentemente, no ano de 2023, a escritora inaugurou em 20 de julho a Casa Escrevivência Conceição Evaristo, mais um espaço cultural situado na Pequena África do Rio de Janeiro, no bairro Gamboa, região marcada historicamente por ter sido travessia e comércio de escravos durante o período da escravidão. Conceição, em entrevista à Agência Brasil, disse que sentia um incômodo ao ver os livros nas estantes, sem circulação: “Livro na estante não significa nada. É um acervo para barata e cupim comer.”¹⁵ (Evaristo, 2023). Assim, Conceição coloca em prática um projeto que estava amadurecendo há anos, e que foi impulsionado pelo seu acervo de livros. A escritora almeja que este espaço seja uma referência importante para as mulheres negras que se inspiram nela. Suas memórias e emoções, anteriormente contidas apenas em sua memória, agora têm um local físico para serem compartilhadas.

¹⁵ *Conceição Evaristo abre Casa Escrevivência, espaço cultural no Rio*. Disponível em: <https://www.brasil247.com/cultura/conceicao-evaristo-abre-casa-escrevivencia-espaco-cultural-no-rio>

Figura 1 – Conceição Evaristo

Fonte: Fernando Frazão / Agência Brasil, 2023.

Figura 2 - fila para a sessão de autógrafos durante a inauguração da Casa Escrevência.

Fonte: Fernando Frazão / Agência Brasil, 2023.

3.2 ESCREVER PARA SOBREVIVER

Conforme mencionado anteriormente, seguindo os passos de Carolina M. de Jesus, a escrita de Conceição Evaristo é marcada pela experiência de ser mulher negra na sociedade brasileira. Ser negra e escritora é um ato de resistência pelo fato de romper com o imaginário da mulher negra exercendo a profissão de criada ou cantora ou dançarina, ocupando sempre o lugar da subalternidade ou da diversão. É isso que leva Conceição Evaristo a declarar que é negra, não sabe cantar nem dançar, mas escreve para se libertar do lugar que a sociedade lhe atribuiu. Ela afirma, antes mesmo de elaborar teorias sobre questões de gênero, que “as mulheres das camadas populares já implementavam atitudes e estratégias para enfrentar a dureza do cotidiano”.¹⁶ Por exemplo, Evaristo lembra que sua mãe costumava dizer que, em 1935, os grandes latifundiários da região de Minas Gerais recusaram-se a dar trabalho às mulheres no campo, sob o pretexto de que elas não eram tão produtivas quanto os homens. Elas então se organizaram coletivamente com o objetivo de conseguir uma melhor produção. Para a autora, são as formas de organização das mulheres negras e pobres que possibilitaram o enfrentamento do poder patriarcal. No entanto, esse episódio passou despercebido na história do feminismo brasileiro.

As histórias fictícias criadas por essas escritoras desempenharam um papel vital como formas de discurso de resistência, e ainda mais importante, como fontes de apoio emocional diante do sofrimento. De acordo com a escritora e intelectual, Assunção de Maria Sousa e Silva, “Essas formas ficcionais que buscam uma resistência podem ficcionalizar o cotidiano e superar a dor” (Evaristo *apud* Sousa e Silva 2017: 105)¹⁷. São narrativas que exaltam um Brasil pouco contado em que as personagens negras, heroínas de suas histórias, são diversas, complexas e carregam consigo a memória do povo afro-brasileiro celebrando a rica herança do continente africano. A representação estereotipada da mulher negra é evidente nas obras literárias brasileiras que, preocupadas em estabelecer uma diferença negativa para a mulher negra, nunca a fazem aparecer muito menos “como uma musa ou uma heroína romântica, aliás, uma representação que nem sempre é relevante para mulheres em geral” (Evaristo, 2005: 2). Conceição Evaristo observa que essas mulheres, representadas muitas vezes, como “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de

¹⁶ A literatura está nas mãos de homens brancos: <https://www.correiobraziliense.com.br>

¹⁷ “A fortuna de Conceição – posfácio”, in *Histórias de leves enganos e parencas*, Assunção Sousa e Silva. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

prazer do senhor masculino”, nunca são representadas como figuras maternas, perfil reservado às mulheres brancas. Segundo a autora:

o imaginário da mulher na cultura ocidental é baseado na dialética do bem e do mal, do anjo e do demônio, cujos símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher é salvo pela maternidade, a falta de tal representação para a mulher negra acaba a amarrando a um lugar de mal não redimido. Já a mãe negra, [...] ela cuida dos filhos brancos em detrimento dos seus. Seus filhos são mortos nos discursos literários, ou ainda, na ficção, aparecem como mulheres inférteis e, portanto, perigosas. (Evaristo, 2005: 2)

É através da apropriação da palavra escrita que escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário imagens de uma autorrepresentação, para além da dimensão estética. Segundo Evaristo (em “Gênero e Etnia”, 2005), nesse processo, o lugar da escrita é tomado como um direito, como se toma o lugar da vida e da história. Como forma literária contra hegemônica, a escrita de mulheres negras, segundo a professora e pesquisadora Heloísa Gomes, “tem sido sujeitada à marginalização, ao desconhecimento e à desvalorização intelectual, por vezes dentro da própria comunidade negra. Daí a necessidade de maior atenção acadêmica e social para esse importante *corpus* literário, que revela o protagonismo histórico de personagens marginalizados pela sociedade brasileira.

Heloísa Gomes em seu artigo, intitulado *Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afro-descendente Contemporânea* identifica algumas particularidades da escrita de mulheres negras, dentre elas, 1. a oralidade, “para enlaçar gerações de mulheres e a narrar toda uma história onde o individual espraia-se no comunal” (p.09); 2. a preocupação sócio-histórica que os leva a contar “as suas versões da história, denunciando os mecanismos de exclusão em contraponto a desmistificação de visões hegemônicas da vida e da história, e a decorrente rejeição, em termos de realização estética, de purismos de quaisquer tipos (p.09) (Gomes, 2017). Essas características estão associadas à necessidade de buscar elementos fora dos quadros do discurso hegemônico para compor as histórias dessas autoras.

A memória e a tradição da oralidade têm papel fundamental na escrita das escritoras negras brasileiras e há um diálogo importante com tradições africanas como a dos *griots*, “guardiões da memória que, de aldeia em aldeia, cantavam e recontavam as histórias, a luta, os heróis, a resistência negra contra o colonizador”¹⁸

¹⁸ "Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira." (2005) Disponível em <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>

(Evaristo, 2005). O aspecto íntimo e cotidiano das relações sociais também é um elemento marcante nesse campo da literatura. O testemunho de Conceição Evaristo mostra o entrelaçamento entre memória, oralidade e cotidiano: “Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe confeccionava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia”. (2005)

Percebemos, portanto, que Conceição encontra sua matéria-prima na simplicidade e ao mesmo tempo na riqueza do cotidiano e da memória oral. Nesse sentido, a escrita de mulheres negras pode ser vista como uma ponte “Entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através das gerações.” (Gomes, 2017).

4 LEITURAS DE OLHOS D'ÁGUA E INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Vencedor do prêmio Jabuti, *Olhos d'água* é uma coletânea de contos onde Conceição Evaristo oferece uma profunda e sensível exploração das vidas das mulheres negras no Brasil. A obra foi publicada em 2014 e rapidamente se tornou uma referência na literatura brasileira contemporânea. Já, *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016), é uma coletânea de contos cujas histórias de vida de mulheres podem ser ficção ou não, e que projeta um retrato de solidariedade e afeição feminina ao tocar o que é essencial, o que move, o que aproxima e une mulheres e, em especial, mulheres negras.

Ambas as obras tematizam a diversidade de experiências, a afirmação de uma identidade, o racismo, a memória, a solidariedade, a história, a resistência, o sexismo, a ancestralidade, através da oralidade, a linguagem narrativa. São obras que desafiam estereótipos e oferecem uma perspectiva rica e diversificada sobre as experiências das mulheres negras, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre a representação e a visibilidade das vozes negras na literatura brasileira.

O presente capítulo visa tecer análises de alguns dos contos das referidas obras. De *Olhos d'água*, analiso “Ana Davenga”, “Maria”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Quanto filhos Natalina teve?”. De *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, escolhi as histórias de Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo e Rose Dusreis. Nas análises em questão, pretendo tematizar a respeito de questões específicas de cada conto mas, também, aspectos em comum que permeiam as narrativas, como a dinâmica de gênero e violência, entre outras questões.

As narrativas de Conceição Evaristo são profundamente marcadas pela violência que permeia a vida das mulheres negras no Brasil. Ela aborda essas violências de maneira sensível e poderosa, expondo a realidade que muitas vezes é invisibilizada ou negligenciada. Algumas das formas de violência que são frequentemente exploradas em suas narrativas são o racismo, a violência doméstica, simbólica, histórica e cultural, a marginalização e o sexismo.

O racismo é uma das formas mais predominantes de violência em suas histórias. Evaristo descreve as experiências de discriminação racial, estereótipos e preconceitos que as personagens negras enfrentam em sua vida cotidiana, seja na rua, no trabalho ou em instituições. Muitos de seus contos tratam também da violência

doméstica, ao focar personagens que sofrem abuso físico ou emocional por parte de parceiros íntimos. Evaristo destaca a importância de romper o ciclo de abuso e buscar apoio. Por outro lado, explora as lutas enfrentadas por mulheres negras que vivem em situações precárias, muitas vezes devido à pobreza e à falta de oportunidades econômicas. Essas condições podem levar a formas adicionais de violência e exploração. Importante salientar que Evaristo também aborda questões de sexismo, destacando como as mulheres negras podem ser duplamente oprimidas devido às intersecções de gênero e raça. Nesse sentido, ela critica os estereótipos de gênero e a objetificação das mulheres negras.

Além da violência física, a autora também explora a violência simbólica, que se manifesta por meio de linguagem, símbolos e normas sociais que desvalorizam as pessoas negras e suas culturas. Além disso, não apenas aborda as violências contemporâneas, mas também examina o impacto do tráfico de escravos e do racismo ao longo da história do Brasil. Seus contos destacam o quanto o legado da escravidão continua a afetar as vidas das pessoas negras no país. A violência psicológica é frequentemente tratada em suas narrativas de forma a mostrar como a pressão social e o racismo podem afetar a saúde mental das personagens.

É necessário enfatizar que em suas histórias, Conceição Evaristo não apenas expõe essas formas de violência, mas também ressalta a resiliência, a força e a solidariedade das mulheres negras que lutam contra essas adversidades. Suas narrativas são um chamado à conscientização e à mudança, buscando uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente de sua raça ou gênero.

4.1 OLHOS D'ÁGUA E AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Segundo conto da edição de 2020 de *Olhos d'água*, “Ana Davenga” conta a história de Ana, mulher negra e pobre que se casa com Davenga, um famoso criminoso da comunidade em que vive. No desenvolvimento do enredo, uma situação é colocada: moradores locais e pessoas do bando de Davenga adentram a casa de Ana que está grávida há alguns meses. Nesse pequeno instante, no ato da personagem levantar-se e perguntar sobre o marido, temos uma retrospectiva da vida de casados de Ana e Davenga. A narradora apresenta um pouco do marido em seus

momentos de angústia e raiva no dia do crime. Nas últimas páginas, temos uma virada de perspectiva após a personagem finalmente encontrá-lo e descobrir que todo aquele cenário se tratava de seu próprio aniversário. Porém, a felicidade dura pouco pois após a festa, enquanto o casal dormia, policiais fazem uma batida no barraco, obrigando Davenga a entrar em combate. O conto encerra-se com o casal morto pela polícia.

O conto é narrado em terceira pessoa a partir de uma narradora aparentemente onisciente. No entanto, essa mesma narradora utiliza o discurso indireto livre com o objetivo de dar voz às personagens de forma indireta (ou seja, sem atribuir fala às personagens). Em certo momento, a instância narrativa apresenta o temor de Ana ao não ver o marido entre as pessoas que entraram em sua casa: “Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos!” (Evaristo, 2020, p. 23). A narradora não utiliza uma marcação de fala (travessão ou aspas), apenas inclui a voz da personagem por cima de sua própria narração, incorporando a fala de Ana e de sua experiência enquanto mulher negra no próprio ato narrativo.

Essa incorporação da fala da personagem à fala da narradora perpassa todo o conto. Conceição Evaristo, em seu artigo, publicado em 2009, intitulado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, produz um contradiscurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, pois seus textos surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira, com experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua. A escritora mostra que a literatura afro-brasileira, em diálogo com as dinâmicas raciais da sociedade, opera a partir de diferentes vivências. É interessante perceber que ao incorporar a experiência de Ana no ato narrativo, incorpora-se também a experiência de Davenga. Assim, sua voz traz materialidade à experiência vivida pelo marido e guia o andamento da narrativa, integrando experiências que, apesar de distintas, trazem pontos de contato no próprio recorte do marcador social da diferença.

Ao olharmos para o personagem Davenga, constata-se que ele é construído fora dos padrões estereotipados que a cultura nacional tem apresentado em termos de papel do “criminoso”. Davenga é humanizado pela própria voz de Ana – que o coloca enquanto uma figura emocional e cuidadora. Em certo momento em que o casal se conhece na roda de samba, a instância narrativa nos revela:

Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo. Seria tão se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. (...) Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo minas.” (Evaristo, 2020, p.27).

A imagem de Davenga é moldada sob uma ótica desconstrutiva frente aos padrões impostos por discursos que solidificaram o estereótipo popular do homem negro criminoso. Na cena descrita, Davenga relaciona a esposa aos momentos e pessoas mais importantes de sua vida. A construção imagética do olhar de Davenga para Ana sai de vias estritamente patriarcais, que tangem as ordens de domínio e poder sobre o corpo, passando para o campo experiencial do vivido e humanizado; em outras palavras, o sujeito masculino parece incorporar-se à narrativa enquanto uma ordem não patriarcal, por meio da transposição literária de sua experiência vivida enquanto sujeito negro.

Conceição Evaristo parte de uma proposta que utiliza da experiência da mulher negra para (des)construir a imagem do homem negro. Se, de um lado, ela propõe uma abordagem que prioriza a humanidade de um personagem que culturalmente foi construído em um plano nacional como desumanizado, ela também desconstrói as formas como o patriarcado é historicamente assimilado por figuras negro-masculinas. Dessa forma, a autora atribui um valor de humanidade ao personagem: desconstrói e emancipa o homem negro dos modelos pré-determinados, desmobilizando as ordens institucionais do patriarcado e dos símbolos masculinos vinculados à branquitude.

No epílogo, Ana vê sua felicidade junto ao marido minguar. Dois policiais invadem o barracão e inicia-se um conflito. Aqui, o discurso indireto livre é entregue não mais a Ana e sim a Davenga:

Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?” (Evaristo, 2020, p. 30).

Nesse conflito, ambos acabam mortos pela polícia. Ana é assassinada sem ter uma voz exteriorizada pelo narrador no discurso indireto: essa voz é entregue a Davenga. Ao mesmo tempo, Ana morre com os braços protegendo a barriga, em uma clara simbologia da mãe que defende o filho em um momento de perigo. Vemos que a experiência de Ana, enquanto mulher negra, dita o andamento do conto: é por suas próprias experiências de vida que as problemáticas são apresentadas.

A voz narrativa de Ana Davenga nos apresenta um foco narrativo auto-centrado mas atento a toda a dinâmica que a cerca. A voz das personagens é minimizada nesse contexto e é através da narração que nos deparamos com a subjetividade das personagens e com o conflito dramático em si. A voz que narra chama atenção repetidas vezes para o corpo da protagonista, nos informando da relação da protagonista com o próprio corpo e das personagens que a cercam, que a olham, a percebem e até mesmo a desejam, como é o caso dos comparsas de Davenga: “Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo” (Evaristo, 2020, p. 22).

O corpo de Ana se apresenta erotizado, empoderado, consciente e não temeroso. Ele é elemento fundamental no encontro de Ana e Davenga.

Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. (Evaristo, 2020, p. 24)

Esse trecho nos traz uma visão particular sobre Ana e reforça a noção de que o olhar sobre a personagem não deixa de enfatizar o seu erotismo. Ela é uma mulher que dança, e que se satisfaz fazendo isso. Ela se regozija tanto na atividade do próprio corpo que sequer nota que Davenga a olha nessa ocasião. A mulher se mostra faceira, dança com sensualidade, move a bunda, dança macio e deixa-se levar pela música. Audre Lorde, em *Os usos do erótico: o erótico como poder (Irmã Outsider, 2019)*, nos chama atenção para a conexão entre o erótico e o sentimento. A autora aponta que diferentemente do pornográfico, o erótico permite a expressão do real sentimento. O fato de que Ana se satisfaz em sua dança, sua sensualidade e sua expressão corporal nos mostram que ela se permite sentir em meio a música. Ela, naquele contexto, dá liberdade à expressão do seu sentimento. Lorde ainda atenta para o fato de que o erótico é frequentemente usado contra a mulher, e é frequentemente confundido com o pornográfico, que se diferencia do erótico justamente por não representar sentimentos, mas antes, “sensação sem sentimento” (Lorde, 2019, p. 54). O que se mostra em Ana é tão verdadeiro que não precisa ser dividido com ninguém através de olhares ou movimentos compartilhados. Ela sozinha é feliz em sua dança; sozinha celebra o seu corpo, usufrui dele.

Uma escolha narrativa intrigante com relação à Ana neste conto, é a de que ela não é explicitamente descrita como negra ao longo da narrativa, embora se possa inferir essa característica da personagem. Ela mora no morro, onde os moradores são predominantemente negros, é uma mulher curvilínea e num determinado momento, Davenga a associa a uma bailarina nua que vira na televisão. “A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana” (Evaristo, 2020, p. 25). A referência à África, às curvas, ao costume de dançar samba e ao morro nos ajudam a inferir que Ana é negra. Já Davenga, é explicitamente representado como negro, em descrições também frequentemente erotizadas, como nessa passagem que descreve como ele era visto por Ana quando nú na cama: “Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa” (p. 23).

O poder de Ana se mostra no âmbito público em ser uma mulher livre e empoderada pelo seu erotismo. Ana não é representada como uma mulher silenciada no seu meio de convivência, embora as repressões de gênero se configuram nos mais diversos ambientes. O não silêncio de Ana e, em particular, o não silêncio do seu corpo não significam que ela seja necessariamente ouvida e respeitada em todos os contextos, mas representam uma resistência aos sistemas de opressão, uma resposta às expectativas que a sociedade impõe sobre a mulher.

A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás, variáveis segundo o lugar e o tempo. (...). A mulher “tal como deve ser”, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. (Perrot, 2003, p. 15)

A historiadora Michelle Perrot sobre o comportamento esperado de moças de classe média ou alta na Europa, porém, quando pensamos a realidade da mulher negra, algumas dessas limitações e tentativas de tolher a mulher não são muito diferentes. A teórica norte-americana bell hooks, por exemplo, discute papéis esperados das mulheres negras de seu contexto quando nos oferece um relato bastante pessoal de como foi ensinada a se comportar em seu grupo. Diz ela: “Eu nunca fui ensinada um silêncio absoluto, eu fui ensinada que era importante falar, mas falar uma fala que em si mesma era um silêncio. Ensinada a falar e ainda ter cuidado com a traição do discurso muito ouvido (...)” (hooks, 1989, p. 7)¹⁹.

¹⁹ No original, “I was never taught absolute silence, I was taught that it was important to speak but to talk a talk that was in itself a silence. Taught to speak and yet beware of the betrayal of too much

Ana não é esse protótipo de moça silenciosa e discreta. Não dissimula suas formas; ao invés disso, as exhibe enquanto dança. Não é comedida; é descrita e comparada a uma mulher livre e solta como a bailarina africana, demonstrando seu interesse em Davenga com um largo sorriso e aceitando a cerveja que ele lhe oferece. Não controla a expressão das suas emoções, mas dá forma a elas, como quando adota o nome de Davenga: “Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (Evaristo, 2020, p. 27). Além disso, Ana demonstra viver um relacionamento onde tem liberdade sexual e não é reprimida pelo seu parceiro – os dois sendo objetos do desejo um do outro. Em diversos momentos, a mulher é retratada nua na cama ao lado dele, confortável com seu corpo, enquanto conversa, depois do ato sexual, enquanto trocam carícias. Não há indícios de que o ato sexual se destine a dar prazer somente ao homem, não há nuances de nenhum tipo de exploração ou de aproveitamento do corpo dela por parte de Davenga. Ana é descrita no processo de vivência de um relacionamento feliz, inclusive na esfera sexual.

Michelle Perrot, em *Os silêncios do corpo da mulher*, nos fala de tendências históricas no silenciamento do corpo feminino, em linhas que – especialmente numa leitura a partir do contexto do Brasil, país fortemente influenciado por preceitos cristãos – nos parecem deveras atuais. Perrot afirma que, historicamente: “A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas” (Perrot, 2003, p. 16). Se sabemos que a sexualidade feminina ainda é tabu em contextos tradicionais, religiosos, preservadores da “moral e dos bons costumes”, o contraponto que a personagem de Ana faz é marcante em resposta a esses moldes de comportamento esperados da mulher. Ana é sua própria pessoa, empoderada pelo seu erotismo e pelo sentimento atrelado a ele.

A psicolinguista e filósofa feminista Lucy Irigaray, em seu *This sex which is not one* (1977), critica fortemente o entendimento ocidental (ou ausência dele) acerca da sexualidade da mulher que, em linhas gerais, utiliza-se de parâmetros masculinos para entender a sexualidade feminina. Segundo Irigaray, a obsessão que existe para com a masculinidade, a ereção, a virilidade, prova que o imaginário ocidental é estrangeiro ao corpo feminino e ao prazer ligado a ele. Um dos pontos principais que

heard speech (...)”. In *Talking back: Thinking feminist thinking black*. 1. ed. Toronto: Between the Lines, 1989. (hooks, 1989, p. 7).

Irigaray defende é que a sexualidade da mulher é plural. Não se restringe ao órgão sexual, não se limita a uma única zona erógena. Ela entende que diversos tipos de prazer que não são substituíveis contribuem para o prazer da mulher. (Irigaray, 1977, p. 317).

A importância do (auto)conhecimento erótico tem forte ligação com a protagonista do conto de Evaristo e com a resistência que ela representa. É através dessa aceitação de si, desse entendimento, dessa predisposição à expressão de sentimento que podemos resistir a um sistema que segue atuante no intuito de silenciar o corpo da mulher. Em *Irmã Outsider* (2019), Lorde também nos chama atenção para o fato de que o erótico é uma força para além da ordem sexual. Para ela, o conhecimento desse poder nos faz mais felizes, melhora nossas relações sociais, potencializa o nosso trabalho e nos faz confiantes e não passivas à ausência de poder que a sociedade deseja introduzir nas mulheres através do silenciamento do seu corpo.

A representação literária da mulher negra no Brasil tem suas raízes na história de escravidão, onde frequentemente é retratada como um “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2005, p. 1). A literatura brasileira raramente descreve a mulher negra como mãe, reservando essa representação apenas para mulheres brancas. No entanto, essa dinâmica muda quando escritoras negras, como Conceição Evaristo, adotam uma perspectiva feminina em suas histórias. Nos contos analisados, a autora atribui valores associados à maternidade às heroínas de suas narrativas, algo que era exclusivo das mulheres brancas. Ao mesmo tempo, em cada um dos contos examinados, Evaristo retrata um cotidiano permeado pela violência, discriminação e silenciamento, refletindo como a sociedade ainda carrega significados enraizados no racismo e sexismo provenientes do passado colonial.

No conto "Maria", a personagem homônima é uma mãe solteira, negra, residente em uma comunidade onde trabalha como doméstica. Todos os dias, ela pega o mesmo ônibus para ir ao trabalho. Em um desses trajetos de volta para casa, ela encontra o pai de seu filho no ônibus, e uma rápida aproximação entre eles acontece. No entanto, o homem e seu comparsa anunciam um assalto, roubando todos os passageiros, exceto Maria. Após a fuga dos assaltantes, os passageiros a consideram cúmplice e a espancam até a morte. A cena do crime é descrita da seguinte maneira: "Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...Uns passageiros

desceram e outros voaram em direção à Maria" (Evaristo, 2020, p. 42). Após a violência extrema, o corpo de Maria é deixado dentro do ônibus, como se fosse um objeto destinado ao lixo: "Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado" (p. 42).

No conto "Ana Davenga", a personagem principal, cujo nome batiza a história, também é negra, pobre e vive em uma comunidade. Seu marido, Davenga, é responsável pelo tráfico de drogas na comunidade. Ana Davenga não está envolvida nos negócios do marido, mas sabe que eles são ilegais. Durante um confronto com a polícia, enquanto Ana Davenga pensa em seu filho e tenta protegê-lo dos disparos, seu marido é morto. A autora busca desmistificar os estereótipos atribuídos às mulheres negras na literatura, destacando que, no imaginário ocidental, as mulheres são divididas entre "anjos" e "demônios", personificados pelas imagens simbólicas de Eva e Maria, com a ideia de que "o corpo da mulher se salva pela maternidade" (Evaristo, 2005, p. 2). A ausência dessa maternidade coloca a mulher negra em uma posição de "mal não redimido" (Evaristo, 2005, p. 2).

A violência é uma presença marcante nos contos de Evaristo, retratando a vida das mulheres negras e pobres que enfrentam adversidades. De acordo com Constância Duarte (1998), algumas escritoras abordam a violência de gênero, racial e de classe de forma competente e sensível, expondo personagens que são feridas pelo cotidiano feminino. Muitas dessas feridas refletem atos violentos enraizados no preconceito racial, uma herança do período colonial. Da mesma forma, o sexismo perpetua a visão da mulher como inferior, dependente de uma figura masculina para existir.

Os contos "Maria" e "Ana Davenga" apresentam enredos intensos que culminam em tragédias, sem mascarar a realidade das situações vividas pelos personagens. Evaristo narra o cotidiano de mulheres que enfrentam diferentes formas de violência, trazendo à literatura um realismo bruto sobre as dificuldades que cercam essas pessoas marginalizadas. Para compreender como a brutalidade imposta aos corpos de Maria e Ana Davenga parece natural e justificável, é necessário dialogar com os estudos decoloniais, especialmente a decolonialidade de gênero. Maria Lugones (2008) argumenta que existe um sistema moderno/colonial de gênero que se baseia na dicotomia dos sexos, considerando apenas a heterossexualidade e excluindo transgêneros e mulheres de cor. Nesse sistema, o conceito de "mulher" se aplica apenas a mulheres brancas, burguesas e

heterossexuais, enquanto o de "homem" se aplica apenas a homens brancos e heterossexuais. Isso deixa de fora outras identidades de gênero e etnias, perpetuando estereótipos e normas prejudiciais. Baseada nos estudos de Ovyéronké Ovyewumi sobre as sociedades Yorubás, Lugones argumenta que, antes da missão civilizatória, não havia uma divisão hierárquica binária entre os sexos em algumas sociedades, como as Yorubás. O sistema patriarcal foi imposto nessas sociedades, transformando as relações sociais e excluindo as mulheres de posições de liderança, impondo normas de submissão e fragilidade.

Nos contos analisados, tanto Ana Davenga quanto Maria não ocupam posições de liderança. Ana é submetida a uma vida de dependência, contando com seu marido ou amigos dele para prover seu sustento, refletindo o sistema patriarcal que divide os papéis familiares, com o homem como provedor e a mulher como cuidadora do lar e dos filhos. Isso é evidenciado no trecho: "Ele trazia sempre dinheiro e coisas. No tempo que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento" (Evaristo, 2020, p. 42). Em "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", a autora conta a história de duas gêmeas, Naíta e Zaíta, que moravam na favela e viviam constantemente ameaçadas pela raiva da mãe que surtava quando as meninas não guardavam seus brinquedos.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos homens. O primeiro estava no exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidava mais. Entretanto, lá estavam as duas gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e sofrimento. (Evaristo, 2020, p. 72).

Um dia, Naíta e Zaíta disputavam uma figurinha que continha um desenho aromatizado de uma flor. Naíta pega a figurinha sem que Zaíta perceba e se esconde na casa da vizinha. Zaíta sai nas ruas à procura de sua irmã e morre em meio a um tiroteio, quando "[...] o barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil" (Evaristo, 2020, p. 76). Zaíta é mais um exemplo das trágicas consequências da violência nas áreas urbanas, onde tiroteios e conflitos intensos são lamentavelmente comuns. As principais vítimas desses eventos são pessoas inocentes, e as mortes de crianças atingidas por balas perdidas, seja durante confrontos entre a polícia e traficantes ou em disputas territoriais entre diferentes facções criminosas,

representam a manifestação mais terrível da violência presente nas grandes cidades do Brasil.

“Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos.” (Evaristo, 2020, p. 77)

Naíta depara-se com o corpo de sua irmã enquanto ainda lamentava por não ter guardado seus brinquedos. A fatalidade pode acometer mulheres, crianças, jovens e, de fato, qualquer pessoa que esteja desprovida das políticas públicas e sociais adequadas, tornando-as vítimas da violência.

A construção das personagens coloca em relevo a escrita de uma mulher negra que, ao usar sua voz autêntica, denuncia as lacunas criadas por políticas que resultam em mortes e pela representação de corpos marginalizados e sujeitos à violência nas grandes cidades brasileiras. Conceição Evaristo desafia a escrita dominante que sistematicamente silencia as vozes das mulheres negras que vivem nas periferias. Ela coloca em foco a vida de uma mulher negra que não recebeu as mesmas oportunidades de emprego, mesmo que fossem precárias, nem ocupou o mesmo espaço na sociedade que é concedido às mulheres brancas. As personagens que Evaristo apresentam a realidade da exclusão e também fazem uma declaração impactante sobre a necropolítica, conceito descrito pelo historiador e teórico político Achille Mbembe (2018), e que se refere ao poder de decidir quem vive e quem morre em certos contextos políticos.

No Brasil, com base em eventos históricos e em dados como os apresentados na pesquisa de Abdias Nascimento (1978), sabe-se que a maioria da população que reside nas áreas periféricas se autodeclara como preta ou parda. No conto em questão, todas as características do ambiente sugerem claramente a vida em uma favela, e essa caracterização é confirmada no texto quando a narradora, em terceira pessoa, menciona:

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. (...) O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava (Evaristo, 2020, p. 76).

Zaíta buscava “somente a sua figurinha-flor”, conforme mencionado na página 46 do conto. No entanto, nesse momento, há um presságio trágico relacionado ao destino da menina. O conto se aproxima do seu desfecho, que ocorre em apenas alguns parágrafos a partir desse ponto. A morte, geralmente prevista, mas raramente bem-vinda, se torna ainda mais angustiante quando se trata de crianças, indivíduos que estão no início da vida, e quando essa morte ocorre de forma não natural. A experiência de leitura, portanto, também evoca esse sentimento de horror diante da tragédia iminente.

A sensação de angústia causada pela ideia de que o acontecimento poderia ter sido evitado não é aliviada ao lembrarmos que se trata de uma ficção, uma vez que o conto reflete a vida real em muitas comunidades periféricas do Brasil. Pelo contrário, o conto destaca o quanto nossa indignação coletiva parece ser insignificante diante da terrível realidade de um Estado negligente que permite que crianças morram.

A personagem Zaíta nos lembra Agatha, João Pedro, Rafael, Eloá, Alice, Thiago e inúmeras outras crianças que perderam suas vidas em ações violentas da polícia ou por serem vítimas de "balas perdidas" durante confrontos pelo controle de territórios do tráfico de drogas, assim como acontece no conto em questão:

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si (Evaristo, 2020, p. 76).

Em "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", encontramos uma representação da violência que funciona como um espelho cruel, destacando as diferenças de cor e classe entre os cidadãos que o Estado, de alguma forma, permite que morram. O Brasil testemunhou quase 5 mil mortes violentas de crianças e adolescentes, com 75% dessas vítimas sendo de origem negra, de acordo com o 14^o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2019. No ano de 2020, doze crianças foram baleadas e perderam a vida no estado do Rio de Janeiro, e três delas tinha apenas quatro anos de idade.²⁰ Zaíta, que não conseguiu guardar seus brinquedos nem encontrar sua

²⁰ *Brasil teve quase 5 mil mortes violentas de crianças e adolescentes em 2019*. Portal de notícias, G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2020/10/18/brasil-teve-quase-5-mil-mortes-violentas-de-criancas-e-adolescentes-em-2019-75percent-eram-negros-revela-anuario.ghtml>.

figurinha-flor, foi privada do tempo que deveria ter tido. Ela só teve tempo de vivenciar o amargor da tragédia causada por uma bala que encerrou sua vida. Isso representa a manifestação mais cruel do racismo estrutural presente no Brasil, e Conceição Evaristo a retrata de forma autêntica em sua obra literária.

O conto "Quantos filhos Natalina teve?" já havia sido previamente publicado nos Cadernos Negros em 1999, na edição número 22. Ao começar a leitura, não se tem a impressão de que se trata de uma história sobre violência, mas sim de uma narrativa sobre a maternidade. A personagem principal, Natalina, que é também a narradora, aparece inicialmente como alguém feliz e satisfeita com sua quarta gravidez: "Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu" (Evaristo, 2020, p. 43).

Ao longo do conto, somos surpreendidos pelos dilemas enfrentados pela protagonista em relação às suas gravidezes anteriores. A história aborda o universo da mulher negra, explorando questões relacionadas ao seu corpo, sua sexualidade e sua experiência como mãe. A personagem-título, de acordo com a narrativa, faz parte de uma família extremamente pobre que vive na periferia. Essa família é composta por sua mãe, seu pai e sete filhas, seguindo um arranjo familiar tradicional, com raízes na ascendência negra. A mãe desempenha o papel de empregada doméstica, trabalhando como cozinheira para uma família rica, enquanto o pai é apenas mencionado no texto como o chefe da família, sem detalhes adicionais. É a mãe de Natalina que, de fato, assume a liderança na condução desse lar, refletindo uma realidade comum em muitas famílias, onde as mulheres desempenham um papel predominante na gestão e manutenção do lar.

O título do conto "Quantos filhos Natalina teve?", desperta em nós, leitores, uma reflexão sobre a questão do planejamento familiar. Natalina considera apenas o filho de sua quarta gestação como aquele que realmente deseja. Os outros, não planejados e não desejados, são tratados como se não existissem. "Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho" (Evaristo, 2020, p.43). A cada gravidez, Natalina experimentava sentimentos de ódio e revolta, algo que vamos percebendo à medida que se avança na leitura deste conto. Nesse conto a autora nos apresenta questões que abordam as

possibilidades relacionadas à maternidade, seja optando por ter ou não uma criança. Distante da romantização comum da gravidez em nossa sociedade, através da personagem Natalina, somos conduzidos a explorar as decisões que se apresentam diante das circunstâncias reais. Seu primeiro filho foi concebido durante sua relação com Bilico, um amigo de infância. Os dois descobriram juntos os corpos e foi com ele que ela descobriu que “[...] apesar de doer um pouco, o seu buraco se abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria.” (Evaristo, 2020, p. 45). O segundo filho ela teve com Tonho, que lhe propôs a formação de uma família, mas ela “[...] não queria ficar com ninguém” (Evaristo, 2020, p. 46); ela não tinha o desejo de constituir uma família ou de ser mãe. No entanto, quando o filho nasceu, Tonho o levou consigo. Aquela que, inicialmente, não aspirava à maternidade, e também não tinha qualquer vontade de ter um terceiro filho, trabalhava como empregada doméstica para uma família que não tinha filhos. Sua patroa, em um momento de desespero, enxergou em Natalina a oportunidade de realizar seu desejo de ser mãe. O quarto filho foi resultado de um ato de violência sexual: “O homem desceu do carro, puxou-a violentamente e jogou-a no chão.” (Evaristo, 2020, p. 49).

No texto, fica claro que a raça e a cor da pele também acentuam as disparidades sociais, tornando as mulheres negras mais vulneráveis à violência sexual. Natalina, em um ato de autodefesa, mata o agressor com a mesma arma que ele usou para coagi-la e preserva a evidência daquele homem: “[...] um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.” (Evaristo, 2020, p. 50).

4.2. *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* E A BINARIEDADE DE GÊNERO

Levando em consideração as marcas interseccionais e decoloniais presentes nas histórias de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, este capítulo se dedica à análise das trajetórias de quatro protagonistas: Natalina Soledad, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo e Rose Dusreis. Publicada inicialmente em 2011, essa obra explora espaços nos quais as dinâmicas de gênero se manifestam de maneira evidente, permeadas por elementos racistas, sexistas, patriarcais e estigmatizantes em diversos contextos.

Nessa abordagem que busca explorar as vivências evaristianas nos quatro contos selecionados (intitulados com os nomes das personagens mencionadas), destaco a representação de cada uma dessas mulheres. Com a assistência de uma

narradora-ouvinte, elas compartilham experiências individuais como corpos femininos e negros, inicialmente marcados pela colonialidade de raça e sexo e que, ao final, se tornam potenciais agentes de mudança. Na escolha dos textos, a ênfase recaiu na oportunidade de destacar diversos marcadores da diferença que se entrelaçam com as categorias de raça e gênero, incluindo sexualidade e classe social. Além disso, a presença de elementos intratextuais, exemplificada na história de Maria do Rosário, permite considerar o potencial de agenciamento de Natalina Soledad quando a narradora-ouvinte confidencia: “embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria” (Evaristo, 2016, p. 44). Outra situação é o momento no qual a narradora-ouvinte, no conto “Rose Dusreis”, declara: “E, como a Da Luz, que só me contou a história depois que me preparou os sentidos para além da escuta, Rose, ao me convocar para dança, me iniciava na coreografia dos dias dela até então” (Evaristo, 2016, p. 107).

Quanto à voz narrativa que comunica aos leitores os relatos feitos no processo de escuta, pode-se cogitar que, em certos contextos, é possível associar essa voz à da própria Conceição Evaristo: “[n]ão pude deixar de me levantar e, respeitosamente, beijar a mão daquela mais velha, contemporânea de minha mãe, Joana Josefina Evaristo, tão rainha quanto ela” (Evaristo, 2016, p. 128). Além disso, em passagens do Prefácio de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a autora faz uma confissão surpreendente:

Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. [...]. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. [...]. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma **escrevivência** (Evaristo, 2016, p. 8).

Aqui, há indicações de que os contos narrados são uma fusão de eventos reais e ficcionais: reconhece-se que algumas histórias têm como base a vida da escritora ou as experiências de mulheres que ela conheceu, enquanto outras são criações completamente fictícias. Como resultado, compreende-se que essas narrativas se configuram como uma alternativa para romper com o silêncio imposto, presente em diversas esferas, para as mulheres negras brasileiras. Em última análise, por meio de contra-narrativas, fica evidente que as memórias das protagonistas evaristianas (selecionadas neste trabalho) estão entrelaçadas com abordagens que narram diversas formas de violência e, principalmente, corpos e vozes negras femininas que

resistem aos sistemas hegemônicos contemporâneos. É sob essa perspectiva que uma delas declara: “[o]s mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças” (Evaristo, 2016, p. 65).

A discussão sobre a violência contra a mulher, especialmente no contexto familiar e originada pelo sexismo patriarcal é uma questão urgente. Nossa sociedade foi moldada por relações de poder que posicionam os homens como superiores às mulheres. Por muito tempo, as mulheres não foram consideradas capazes de realizar certas tarefas e, essencialmente, eram designadas principalmente para a procriação da espécie. Por essa razão, ao refletirmos sobre a opressão das mulheres devido a questões relacionadas à diferença de gênero, pode-se verificar que as mesmas decorrem da herança do patriarcado.

Considerando perspectivas contra-patriarcais, a narrativa da protagonista Natalina Soledad, originalmente batizada como "Troçoieia", expõe o sofrimento e as ramificações da rejeição familiar devido à sua condição de mulher. Como exemplo, esta passagem revela a insatisfação do pai ao descobrir que o resultado da sétima gestação seria uma menina: “O homem garboso de sua masculinidade que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que seu sétimo rebento era uma menina” (Evaristo, 2016, p. 19). Em meio a essa cultura impregnada pelo patriarcalismo, as manifestações de preconceito sexual, étnico e social direcionadas às mulheres negras são exacerbadas. Nesse contexto, Crenshaw (2002) explica que

[a]tos de discriminação intencional não se limitam à violência sexual. No emprego, na educação e em outras esferas, há mulheres sujeitas a discriminações e outras opressões, especificamente por não serem homens e por não serem membros dos grupos étnicos e raciais dominantes na sociedade (Crenshaw, 2002, p. 179).

Assim, considerando o impacto do gênero e da raça na trajetória de Natalina, que resulta em seu abandono pela família, podemos considerar a personagem como um exemplo das vítimas dos processos de segregação, violência e injustiça decorrentes da persistência do patriarcado até os dias atuais. É fato que a protagonista desafia o paradigma patriarcal e, como resultado, vai de encontro às expectativas do pai. Dentro de sua própria casa, ela é rejeitada pelo simples fato de ter nascido em uma família cujo histórico, nas três gerações anteriores, apresenta apenas filhos homens.

Seu avô, pai de seu pai, mesmo com a idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem. E todos os treze filhos do

velho, nascidos dos casamentos anteriores, tinham nascido meninos homens. Seu pai, o mais velho dos treze, não havia seguido a mesma trajetória do velho Arlindo Silveira. Tivera um único filho, ele (Evaristo, 2016, p. 19-20).

O trecho acima destaca a importância para o pai de Natalina de ter uma linhagem composta apenas por homens. Nesse contexto, é relevante salientar que a cientista social e feminista nigeriana Oyěwùmí (2021, p. 314) observa: "[o] processo colonial foi diferenciado por sexo, na medida em que os colonizadores eram machos e usaram a identidade de gênero para determinar a política". Diante disso, no histórico de Natalina, percebe-se uma supremacia masculina, já que o bisavô teve quatorze filhos homens (em cinco casamentos), o avô gerou apenas um filho, e o pai tinha até então seis filhos homens. Assim, nessa ótica de desapontamento, é essencial analisar os valores associados ao sexo feminino desde o nascimento da personagem; o comportamento dos pais para assegurar que os papéis sociais e sexuais não fossem modificados; e, principalmente, as ações dela.

Em diversas situações, a distinção sexual continua a evidenciar a influência hierárquica que a prerrogativa do sexo masculino exerce sobre o feminino. Notadamente, ao considerar sistemas de opressão como o machismo e o patriarcado, a trama inicial do conto revela a falta de apreço do pai pela sua filha. De fato, ele suspeitava que a esposa o havia traído simplesmente porque o bebê era uma menina: "Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava prova. Uma menina. Só podia ser filha de outro!" (Evaristo, 2016, p. 20).

Além de rotular a parceira como infiel, o pai de Natalina decide não manter mais contato sexual com ela, conforme é evidenciado neste trecho: "E desde o nascimento da menina, Silveira Neto, que até então cumpria fielmente o seu dever de marido [...] deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa" (Evaristo, 2016, p. 20). Nota-se que, impregnado por práticas machistas e ideologias patriarcais, o pai se sente traído pela mulher (e não pela própria masculinidade), resultando no menosprezo e discriminação também em relação à criança. De fato, a criança não encontra amparo no colo da mãe, que não confronta nem protesta diante das atitudes do marido.

Apesar de Natalina Soledad ser uma menina autodidata, a família apenas permitiu que ela comesçasse seus estudos tardiamente. No contexto contemporâneo, ao considerarmos seu nome de batismo (Troçoleia) e a frequente prática de *bullying*

na escola, seu convívio educacional a transformou em mais uma vítima social, uma vez que os pais a registraram com um nome desdenhável. Vivendo uma vida solitária, rejeitada pela família e sujeita a preconceitos na escola, ela conscientemente manifesta uma atitude que a rotula como submissa. Diante do desprezo dos pais e/ou das discriminações sociais, Natalina enfrenta considerável sofrimento ao longo da narrativa. Através de seu nome, ela é reduzida a um "troço" e, ao longo da vida, encontra conforto somente em sua própria companhia, crescendo na solidão. Muitos desses eventos negativos, em particular, são desencadeados por ações paternas, e Natalina

ostensivamente, ignorava a presença dos dois, não só na intimidade familiar, mas fora dela também. Dentro da casa tateava o espaço como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois. Não suportava vê-los. Recusava-se sentar-se à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha, e como uma sombra, quase invisível transitava em silêncio, de seu quarto ao banheiro e à cozinha, mesmo entre seus irmãos (Evaristo, 2016, p. 22-23).

É evidente que a criança evita a proximidade dos membros da família. Ela passa a ignorá-los após ter contato externo na escola, por volta dos doze anos. O trecho menciona ações realizadas em casa pela protagonista, comportamentos que indicam que os pais e os irmãos se tornaram invisíveis para ela: costumava andar de olhos fechados, como se estivesse no escuro; recusava-se a sentar à mesa, fazendo as refeições no quarto ou na cozinha; e transitava em silêncio no ambiente.

Sem dúvida, as situações mencionadas revelam o processo de aprendizado e o início da transformação. Quando a protagonista despreza seus familiares, ela utiliza a reciprocidade e, em um contexto de solidão, se prepara para enfrentar uma fase de transição, passando da adolescência para a idade adulta. Além disso, outro aspecto relevante e surpreendente é o fato dela se recusar a responder quando não a chamavam pelo nome e sobrenome completos.

De maneira especulativa, essa atitude parece ser uma resposta direcionada à autopreservação. A insistência para ser chamada pelo nome completo (Troçoleia Malvina Silveira) pode ser interpretada como um gesto de autodefesa, desafio e resistência. Essas posturas desafiadoras foram o ponto de partida para que ela demonstrasse determinação e pudesse destacar as potencialidades de sua agência: auto-nomear-se como um ser humano, um sujeito-mulher. Por essa razão, na abordagem proposta por Evaristo, é relevante referir-se a essa protagonista como a

mulher capaz de modificar o nome que lhe foi atribuído para diminuí-la. E, de fato, é essa realização que chama a atenção da narradora-ouvinte: “a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato de ela ter conseguido se autônomoar” (Evaristo, 2016, p. 19). Destaca-se que essa realização da personagem escapa ao padrão convencional em que o nome é aceito quando dado por outros, geralmente pelos pais. Além disso, trata-se de uma autodenominação simbólica e significativa, pois o texto nos possibilita interpretar que foi uma conquista, ou seja, o resultado de sua própria agência.

É importante ressaltar que, durante a infância e adolescência, Natalina se comunica apenas com uma amiga: a empregada doméstica da casa. Contudo, devido à submissão da empregada aos desejos dos patrões, ela se demite, resultando no rompimento do laço fraterno entre elas. Consequentemente, ao longo do tempo, a adolescente se fortalece com a seguinte determinação:

Tinha um só propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que lhe haviam imposto. Primeiramente a menina Silveirinha esperou. A moça Silveirinha esperou. A mulher Silveirinha esperou. E, nas diversas andanças do tempo sobre o corpo dela, muitos acontecimentos (Evaristo, 2016, p. 23-24).

Foi exatamente na fase adulta, aos trinta anos, após o falecimento dos pais, que a protagonista assumiu sua identidade, escolhendo seu próprio nome, recusando o sobrenome da família e renunciando à herança. Através do novo registro como Natalina Soledad, é possível inferir um significado simbólico associado ao nascimento de um novo ser que experimentou ciclos de rejeição durante a infância e adolescência, cercado pela solidão mencionada como “a solidão de gente grande que ela experimentava desde pequenina” (Evaristo, 2016, p. 23). Dessa forma, ao dirigir-se ao cartório, as ações da protagonista refletem iniciativas defensivas que evidenciam a desconstrução de práticas patriarcais e discriminatórias.

E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destonava da denominação familiar dos Silveiras e que era meio esquisito também (Evaristo, 2016, p. 25).

Nesse contexto, o trecho ilustra um processo de libertação da personagem de sua antiga identidade, construindo uma nova mulher que se alinha com quem ela é ou aspira ser. A indagação do tabelião sobre a escolha dela pode sugerir a pressão

que a sociedade ocidental muitas vezes exerce, esperando que as pessoas se conformem às normas sociais predominantes. Para aqueles que estão à margem, tal indagação destaca a dificuldade de romper com esses padrões e encontrar aceitação e validação para suas histórias. Natalina Soledad, sem dúvida, representa um agente simbólico e um exemplo de voz que, ao longo dos séculos, teve sua história silenciada pelas estruturas de poder, como o patriarcalismo e o racismo. Com efeito, Conceição Evaristo destaca o protagonismo de personagens marginalizadas que corajosamente desafiam a dominação de seus opressores.

Do ponto de vista social e filosófico, ao contemplarmos os elementos interseccionais, é crucial entender a seguinte ideia: “uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos” (Crenshaw, 2002, p. 177). Considerando a metáfora do tráfego, utilizada por Kimberlé Crenshaw para explicar a interseccionalidade e enfatizar a potencial ocorrência de caos nas avenidas, torna-se imperativo reestruturarmos o “fluxo” com o objetivo de edificar uma sociedade mais equitativa e respeitosa em relação aos indivíduos subalternizados na contemporaneidade. A ativista norte-americana pelos direitos civis e estudiosa da teoria crítica da raça destaca que:

[...] o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias (Crenshaw, 2002, p. 177).

De acordo com a teoria das interseções, devido à sobreposição e interconexão, os diversos sistemas de poder não podem ser compreendidos de forma isolada. A título de exemplo, é necessário reajustar o “tráfego” para mulheres negras lésbicas, que enfrentam múltiplas formas de opressão. Portanto, destaca-se a importância de abordar questões que abordam as consequências sistêmicas e estruturais da interligação entre duas ou mais condições de subalternidade, destacando a interseccionalidade.

[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além

disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

A partir da subjugação resultante das violências que ocorrem quando os fatores sociais identitários se entrecruzam (como gênero/sexualidade, etnia/raça, classe social, idade etc.), múltiplas desigualdades podem surgir. Nessa ótica, Akotirene (2019) argumenta que o Feminismo Negro aborda questões de identidades atravessadas pelo racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo, destacando que “[o] letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras” (Akotirene, 2019, p. 16).

Em se tratando da análise do racismo, segundo as considerações de Crenshaw (2002), a incorporação do gênero acaba por revelar ainda mais a discriminação racial contra as mulheres, o que possibilita uma melhor compreensão das formas específicas de discriminação. Portanto, na concepção da autora, as práticas racistas contra mulheres causam mais danos, ou seja,

[...] a discriminação racial é frequentemente marcada pelo gênero, pois as mulheres podem às vezes vivenciar discriminações e outros abusos dos direitos humanos de uma maneira diferente dos homens, o imperativo de incorporação do gênero põe em destaque as formas pelas quais homens e mulheres são diferentemente afetados pela discriminação racial e por outras intolerâncias correlatas (Crenshaw, 2002, p. 173).

É evidente que as discriminações se intensificam quando à identidade "mulher negra" se adiciona uma identidade sexual socialmente desqualificada devido à LGBTfobia, como no caso de uma lésbica. Nesse contexto, para abordar essa temática, destaca-se a personagem do conto Isaltina Campo Belo. Desde os primeiros momentos de sua história, quando ainda era uma criança, há indícios de que ela já se sentia diferente. Apesar de afirmar que teve uma infância feliz, um episódio específico causava confusão em sua vida: [...] uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino (Evaristo, 2016, p. 57-58).

A partir desse relato, é crucial observar a significância do nome para indivíduos registrados de forma contrária à sua identidade de gênero. Curiosamente, de acordo com as informações disponíveis em nomes.info, Isal é uma variação de Isael

(substantivo masculino). Além disso, entre os significados encontrados para "tino", destacam-se "juízo" e "prudência" - atributos relevantes para uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+ que, ao assumir sua sexualidade, enfrenta os desafios de uma sociedade preconceituosa e, possivelmente, experimenta a felicidade que advém da resistência contra práticas coloniais e da liberdade para ser autêntica, respeitando sua identidade étnica, sexual e seu estilo de vida. Nessa perspectiva, a narradora-ouvinte enfatiza:

Campo Belo, como gostava de ser chamada, dentre outros detalhes, tinha uma idade indefinida, a meu ver. Se os cabelos curtos, à moda *black-power*, estavam profundamente marcados por chumaços brancos, denunciando que a sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás, seu rosto negro, sem qualquer vestígio de rugas, brincava de ser o de uma mulher, que no máximo teria os quarenta anos (Evaristo, 2016, p. 55-56).

Quando se trata das questões de orientação sexual da personagem, assim como da idade, com base nos dados registrados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2022, destaca-se uma preocupação relevante: "a violência contra a população LGBTQIA+ apresentou um crescimento significativo, conforme evidenciado pelos dados do mesmo ano: um aumento de 35,2% em agressões, 7,2% em homicídios e 88,4% em estupros de pessoas identificadas como tais" (FBSP, 2022). Nessa perspectiva lamentável, ressalta-se que o Brasil ocupa uma posição preocupante no ranking de assassinatos contra pessoas LGBTs, o que implica uma preocupação real com a redução da expectativa de vida dessa população em condição de subalternidade.

Ao ponderar sobre as crueldades do preconceito contra homossexuais, que podem resultar em consequências tão graves como a morte, é notável observar que Campo Belo teve dúvidas sobre sua própria orientação sexual e chegou a tentar um relacionamento heterossexual. Nesse contexto, ao dar importância à possibilidade de (in)certezas, ela compartilhou sua identidade sexual com seu primeiro namorado, mas, infelizmente, não foi respeitada. Ao contrário, a reação dele foi de zombaria e agressão à honra da protagonista. A falta de consideração é evidente no trecho subsequente:

Falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me

despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só para mim. Eu sabia, desde a infância, do menino que existia em mim. E esse menino crescera comigo, assim como cresceram os meus seios... (Evaristo, 2016, p. 63-64).

A revelação de Campo Belo destaca a dificuldade enfrentada por muitas pessoas LGBT para assumirem sua identidade e serem aceitas em uma sociedade heteronormativa e preconceituosa. A narrativa também evidencia a resistência dela, que, mesmo diante da falta de compreensão por parte do outro, mantém uma consciência identitária e se permite lutar por sua liberdade e direito de amar quem desejar. No entanto, em uma situação dolorosa, ela cai em uma armadilha, sendo dopada pelo namorado, que convidou outros cinco homens para abusarem sexualmente dela.

Nesse contexto, é oportuno lembrar Davis (2016) ao destacar que essa prática constitui um padrão no qual o abuso sexual de mulheres negras foi institucionalizado e, ao se tornar tão arraigado, conseguiu sobreviver à abolição da escravatura. Nas palavras da ativista estadunidense, “o racismo sempre serviu como um estímulo ao estupro” (Davis, 2016, p. 181). É importante ressaltar que os antepassados da protagonista foram escravizados e, conforme o trecho seguinte, alcançaram a alforria.

Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali, como negros livres, nos meados do século XIX, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã ouvíamos e repetíamos com altivez, sempre que podíamos, na escola. Meu pai, também nascido e ali criado, tinha histórias mais dolorosas de seus antepassados. Entretanto, seus pais, meus avós, à custa de muito trabalho em terras de fazendeiros, em um dado momento, conseguiram comprar alguns alqueires de terra e iniciaram uma lavoura própria (Evaristo, 2016, p. 57).

Na história de Campo Belo, encontram-se indícios do colonialismo, os quais persistem nos dias atuais sob as formas de colonialidades, visto que os estigmas associados às mulheres negras remontam à época da escravidão. Historicamente falando, as mulheres escravizadas eram frequentemente objetificadas e sexualizadas, sendo obrigadas a manter relações sexuais, sem consentimento, com o senhor de engenho ou outros homens. Conforme Davis (2016, p. 20), “[o] estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”.

Então, ao analisarmos a escravidão como um sistema econômico fundamentado na exploração dos negros, reforçamos que os corpos femininos eram particularmente mais vulneráveis, sujeitos a violações sexuais e utilizados para a reprodução de novos escravizados. Daí a necessidade imperativa de resistir contra as práticas colonialistas, conforme defendido por Lorde (2019), poeta, feminista afro-americana.

[...] somos todas as forças que conquistamos, incluindo a raiva, para nos ajudar a definir e dar forma a um mundo onde todas as nossas irmãs possam crescer, onde todas as crianças possam amar e onde o poder de tocar e conhecer as diferenças e as maravilhas de outra mulher irá, mais dia, menos dia, transcender a necessidade de destruição (Lorde, 2019, p. 167).

Essa reflexão explicita como as mulheres podem empregar suas forças, incluindo a raiva, como um instrumento de organização e resistência para forjar uma sociedade mais justa. Em vez de se fragmentarem, é crucial que valorizem e respeitem as diferenças. A perspectiva de Lorde pode ser aplicada à experiência da personagem Campo Belo, considerando que os sistemas de opressão contribuem para o apagamento social das vítimas marcadas pela colonialidade. Portanto, é imperativo que as mulheres lésbicas negras resistam às práticas de dominação e, acima de tudo, atuem na construção de mundos que as respeitem.

Ao vincular o processo de amadurecimento de Campo Belo e, sobretudo, os desafios enfrentados em um relacionamento abusivo que estava em desacordo com sua sexualidade, é possível discernir a busca por um mundo onde ela pudesse verdadeiramente se sentir bem. Conforme hooks (2010) destaca, quando mulheres negras experimentam o poder transformador do amor, adotam atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. A partir do trecho abaixo, infere-se que a protagonista partiu em busca desse estímulo inovador.

Sem nada para contar, pois nada eu tinha vivido nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. Mas que me coubesse sozinha. E achei, ou melhor, acreditei ter achado (Evaristo, 2016, p. 62-63).

Outro evento impactante nesta narrativa é a descoberta da gravidez, resultado do estupro. Diante disso, Campo Belo decide retornar à casa da família e escolhe não compartilhar os atos de violência dos quais foi vítima. Felizmente, seus pais a acolheram de volta. “[m]eus pais se rejubilaram felizes, quando voltei em casa com a

minha menina. Fizeram algumas perguntas sobre o namorado que eu havia arrumado na cidade. Nada eu disse. Respeitaram o meu silêncio” (Evaristo, 2016, p. 65).

Nesse contexto, a mudez surge como resultado de ferramentas poderosas que visam domesticar o corpo, punir e enquadrar comportamentos que se desviam do padrão heteronormativo. Além disso, a autora enfatiza que a exposição da homossexualidade pode acarretar punições, o que dificulta a denúncia de violências.

Embora parte da história de Campo Belo tenha sido permeada por sofrimentos decorrentes de incertezas e múltiplas opressões, é louvável reconhecer o desfecho positivo, consolidado a partir da insubordinação da protagonista aos papéis impostos para mulheres negras homossexuais por uma sociedade que, em grande medida, é racista, patriarcal, sexista e homofóbica. Finalmente, o trecho a seguir ilustra que a protagonista encontra refúgio em seu próprio corpo e ressignifica a matriz de gênero, descobrindo sua orientação sexual e identidade quando, verdadeiramente, tem a permissão de se encantar por outra mulher.

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma (Evaristo, 2016, p. 66-67).

Com isso, a protagonista passa a compreender a si mesma como mulher, semelhante a todas as outras, e, ao mesmo tempo, diferente de todas elas devido à sua orientação sexual. De maneira perspicaz, essa contra-narrativa evaristiana desafia os estereótipos associados a personagens negras cuja sexualidade não segue a norma heteronormativa e, de forma provocativa, consegue (re)construir filosofias para serem aplicadas em uma literatura mais inclusiva e respeitosa em relação às diferenças. Trata-se de uma escrita elaborada com cuidado e atenção para abranger a diversidade feminina, e, segundo a perspectiva de Lorde (2019), é redentora a necessidade que as mulheres têm de cuidar umas das outras. Nessa lógica, ela diz: “mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação” (Lorde, 2019, p. 155).

Lorde, escritora lésbica e feminista, propõe que a raiva e insatisfação podem se tornar forças poderosas para a mudança, já que as mulheres que as experimentam devem aprender a canalizá-las de maneiras construtivas e criativas. Essas figuras resilientes diante do racismo, LGBTfobia e patriarcado redescobrem estratégias e as disseminam em uma sociedade que ainda carrega as cicatrizes das colonialidades.

Assim, como uma manifestação de resistência, Campo Belo estabelece uma parceria romântica com a professora de Walquíria (sua filha), simbolizando não apenas um amor genuíno, mas também a realização plena de sua sexualidade. Essa dinâmica pode ser observada no trecho a seguir: “tamanho foi nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em abundância, em dose dupla” (Evaristo, 2016, p. 67). Ao evidenciar esse sentimento de satisfação, percebe-se que a representatividade também possibilita que indivíduos marginalizados tenham a oportunidade de se expressar e, dessa maneira, interromper práticas coloniais.

Historicamente, as brutalidades decorrentes do comércio de escravizados ceifaram a vida e a liberdade de centenas de indivíduos negros. Entre as adversidades perpetradas pelo domínio colonial e escravagista, que tratou seres humanos como mercadorias, pode-se nomear: a perda da dignidade como ser humano e perda das identidades culturais; a impossibilidade de conviver com familiares, tribos ou quilombos; a privação da liberdade para escolher seus próprios destinos; e a negação da oportunidade de participar de vivências culturais, artísticas e religiosas junto ao seu povo.

A missão civilizatória, tal como abordada por Lugones (2014), exemplifica a prevalência da moralidade e cultura europeias, reforçando tanto a dominação quanto a exploração de pessoas negras. Nesse contexto, ao ser batizada com um nome inteiramente alinhado ao cristianismo, o registro da personagem Maria do Rosário (também título da narrativa) é um exemplo desprovido de traços ancestrais.

Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o “Maria”. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por “Santos” generalizados e não identificáveis (Evaristo, 2016, p. 43).

Quanto à possível carga semântica do nome completo da personagem, é possível afirmar que “Maria” tem origens no hebraico Myriam e detém uma importância significativa na tradição cristã, sendo associada à figura da mãe de Jesus

Cristo, caracterizada por virtude, humildade e fé. Conceição Evaristo evoca características de resiliência e simbologia para o papel da mulher como protagonista de histórias. O sobrenome "do Rosário" remete à prática da oração do Rosário, também popular na tradição católica, possivelmente enfatizando a relação da personagem com a religiosidade e evocando o poder de sua ancestralidade.

Curiosamente, o sobrenome "Imaculada", referindo-se a Maria do Rosário, proibido em Portugal para uso em nomes próprios, carrega atributos de inocência, honestidade e integridade, derivado do latim "immaculata", que significa "sem mácula, sem mancha, pura". Talvez tenha sido utilizado para transmitir a ideia de pureza e integridade moral, ou mesmo ironizar a complexidade dos padrões eurocêntricos de "perfeição" que afetam a vida das mulheres negras. O sobrenome "dos Santos", presente também no sobrenome de Maria do Rosário, frequentemente usado em diversas culturas para expressar que alguém é considerado "santo ou abençoado", acrescenta uma camada de significado religioso. No geral, observa-se uma riqueza de significados e símbolos relacionados à religião católica no nome da protagonista, sugerindo uma crítica profunda em relação à verdadeira representação da personagem.

Quanto à ausência da influência cultural africana no nome, que está completamente vinculado às esferas do cristianismo, em particular à Igreja Católica, a personagem expressava descontentamento e rejeição, declarando que não possuía nada de "imaculada". Em relação ao nome de batismo, essa oposição da personagem pode ser culturalmente relacionada tanto a aspectos históricos que, ao longo dos séculos, subjugarão as pessoas negras em relação aos indivíduos brancos, quanto ao preconceito à religiosidade de origem africana.

Assim, na construção de sua identidade histórico-existencial, Maria do Rosário (re)conecta-se com a ancestralidade, sobrevivendo e resistindo às marcas das colonialidades. Esse processo reflete uma busca por resgatar e afirmar sua identidade, em meio à negação e à imposição de valores que historicamente marginalizaram as contribuições culturais e espirituais da África. A personagem, ao questionar e rejeitar os elementos cristãos de seu nome, manifesta uma resistência ativa contra a imposição cultural e religiosa que contribui para a sua afirmação como indivíduo negro com uma história própria e rica.

No contexto da nova consciência que integra a formação de ser e tornar-se sujeito negro, é crucial salientar que a protagonista idosa, no presente da narrativa,

carrega consigo as lembranças de seu sequestro na infância, perpetrado por um casal sulista. É relevante destacar que, sob uma perspectiva histórica, algumas memórias de Maria do Rosário possibilitam uma analogia com a prática do tráfico negreiro no século XIX: "[a] lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes com todos os detalhes, ora grosseiramente modificada. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio pelo casal que tinha me roubado de casa" (Evaristo, 2016, p. 52).

Na fase inicial do enredo, é notável que Maria do Rosário encontrava-se em seu ambiente familiar, desfrutando de momentos de brincadeira com seus irmãos. No entanto, os sequestradores se aproveitaram da oportunidade oferecida por um veículo, utilizando o atrativo do encanto e da diversão para efetuar o rapto. Ao recordar um episódio de sua infância, por volta dos sete anos, ela descreve:

Do lado de fora da casa, nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada para fazer a não ser conversar os assuntos costumeiros, quando apontou lá na estrada um jipe. Levantamos rápido e juntos. [...]. Um jipe e um casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada. Foi permitido. Os dois iam à frente e a meninada atrás. Deram duas ou três viagens. Na última, só faltava eu e um dos meus irmãos, o maior, o Toninho. Subimos contentes e o carro, aos poucos, foi ganhando distância, distância, distância... (Evaristo, 2016, p. 44-45).

No trecho acima, a narrativa evoca paralelos com a travessia de inúmeros africanos que foram capturados no continente africano e destinados ao transporte e escravização em outras nações. A continuação do trecho revela que, conforme começou a escurecer, as crianças solicitaram ao casal que as levassem de volta à casa da família, pedido que não foi atendido.

Além disso, a personagem testemunha que, ao longo do tempo, durante a noite, os sequestradores "pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante" (Evaristo, 2016, p. 45-46). Nesse intervalo, Maria do Rosário percebeu que o casal a havia roubado de seus pais, sendo forçada a se acostumar com o sofrimento imposto pela novidade cruel daquela realidade: "quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava" (Evaristo, 2016, p. 46).

De maneira perceptível, as experiências dessa criança raptada do convívio de seu povo assemelham-se à realidade de membros da comunidade negra na diáspora. Conforme revelado no trecho subsequente, devido à separação, é possível inferir que ela teve que lidar não apenas com as perdas, mas também com sentimentos de medo e aflição. Além disso, precisou atribuir novos significados à sua vida enquanto sujeita submissa, e enfrentar o desafio de (re)construir sua identidade diaspórica como mulher negra.

Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói (Evaristo, 2016, p. 47-48).

Considerando as imposições das colonialidades no trecho mencionado, é evidente a dificuldade de existência devido à mudez, que resulta na invisibilização identitária de Maria do Rosário. Em concordância com as ideias de Kilomba (2019, p. 223), "[a] escravização e o colonialismo podem ser vistos como coisas do passado, mas estão intimamente ligados ao presente". Portanto, em relação às vivências da personagem, ancoradas nas marcas das colonialidades, é válido afirmar que suas memórias transcendem experiências puramente individuais, uma vez que as opressões e silenciamentos por ela vivenciados se conectam à coletividade, visando recontar suas histórias e reconstruir suas identidades.

Um outro aspecto significativo na narrativa da protagonista é o recomeço da diáspora, desencadeado quando o casal que a sequestrou se separa (cerca de oito anos após o sequestro) e decide levá-la para viver com uma tia deles em outro município. É importante ressaltar que, diante dessa situação, foi atribuído a Maria do Rosário o trabalho doméstico e, nessa perspectiva, conforme apontado por Gonzalez (1984), "doméstica" e "mulata" foram os dois papéis sociais impostos às mulheres negras no cenário nacional, ambos derivados do contexto colonial como "mãe preta" e "mucama".

Nesse contexto, a empregada doméstica não encarna a representação festiva da mulher negra no Carnaval (uma rainha da avenida, cobiçada e desejada). Pelo contrário, ela assume o papel de mucama, que simboliza o fardo pesado, se assemelhando assim ao burro de carga, pois carrega não apenas o sustento de sua

própria família, mas também o de outras. Sob essa perspectiva, ela representa o "lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas" (Gonzalez, 1984, p. 230). O pensamento de Gonzalez destaca como a sociedade influencia as percepções de raça e gênero, confinando as mulheres negras ao trabalho doméstico, uma realidade que afeta profundamente suas vidas, como é evidenciado nas experiências laborais de Maria do Rosário.

Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas (Evaristo, 2016, p. 50-51).

Diante do contexto mencionado, torna-se evidente que a personagem representa a realidade de grande parte das mulheres negras no Brasil, sendo vítimas de uma subordinação estrutural persistente. Em outras palavras, esses indivíduos são moldados por uma sina histórica já que, mesmo após o período da escravidão, a maioria delas continua sendo considerada mão de obra sem qualificação profissional. Conforme destaca Nascimento (2006b, p. 128), é a mulher negra "quem desempenha, em sua maioria, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas, recompensada por baixíssimas remunerações. São, de fato, empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia".

Entre as vivências narradas, a protagonista do quinto conto em *Insubmissas lágrimas de mulheres* descreve as adversidades enfrentadas por empregadas domésticas brasileiras, que labutam incansavelmente e suportam condições precárias na busca por um objetivo, no caso dela, o retorno à cidade natal. Nesse sentido, ao abordar a situação das mulheres negras no mercado de trabalho, é importante ressaltar que a maioria delas desempenha funções exaustivas, recebendo uma remuneração inadequada nas diversas tarefas que desempenham. Para Crenshaw (2004),

as contratadas, em geral, são mulheres economicamente marginalizadas, que, por essa razão, são também socialmente marginalizadas, situadas na base da pirâmide socioeconômica. Essas mulheres acabam trabalhando de 18 a 20 horas por dia, cuidando primeiramente de suas famílias e, depois, das famílias e necessidades das patroas. É isso que eu chamo de subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça (Crenshaw, 2004, p. 14).

Nesse contexto, a intersecção de sistemas de opressão, como o racismo e o sexismo, teve um impacto prejudicial no percurso de Maria do Rosário. Na contemporaneidade, fica evidente que a persistência da colonialidade de gênero afeta a vida de inúmeras mulheres negras, uma vez que as interseções das categorias sociais da diferença apontam para as diversas maneiras pelas quais essas mulheres são subalternizadas. Nessa linha de pensamento, Lugones (2014) argumenta que

a consequência semântica da colonialidade do gênero é que “mulher colonizada” é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher. [...]. Diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial. Pensar sobre a colonialidade do gênero permite-nos pensar em seres históricos compreendidos como oprimidos apenas de forma unilateral (Lugones, 2014, p. 939)

Resumidamente, a teórica considera a colonialidade de gênero uma realidade aparentemente inflexível, persistente desde o período colonial, e que, em certa medida, nos auxilia a compreender desafios tão atuais e frequentes, tais como o tráfico de mulheres, o aumento das opressões contra as mulheres negras e, inclusive, o feminicídio. Diante desse quadro, torna-se imperativo agir contra a perpetuação dessas opressões, que resultam de processos da colonização patriarcal eurocêntrica, determinante na dominação dos aspectos políticos e estruturais do sistema colonial, gerando desigualdades sociais e violências epistêmicas.

Uma forma exemplar de resistência feminina se revela na trajetória de Maria do Rosário através da Educação, um instrumento capaz de transformar positivamente a vida de indivíduos em condição de subalternidade. Após eventos que confirmam sua conquista de autonomia (poder ir e vir, namorar, casar e descasar), ela decide dedicar-se à aprendizagem.

Só um motivo me mantinha viva: os meus estudos. Estava concluindo o 2º grau e me preparando para seguir adiante, apesar do desânimo que me acometia algumas vezes. E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação a partir de um ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas” (Evaristo, 2016, p. 52).

Considerando esse estímulo mencionado pela protagonista, é relevante destacar as potencialidades proporcionadas pelo conhecimento para as mulheres negras em uma sociedade branca e falocêntrica, permitindo sentimentos de liberdade em meio às estruturas de poder predominantes. A teórica feminista e ativista antirracista bell hooks (2013) aborda a educação como uma prática libertadora, ou

seja, uma ferramenta que possibilita a reconstrução da individualidade do sujeito. De fato, o estudo muitas vezes propicia processos de interação que podem contribuir para a integração do indivíduo na sociedade. Nessa lógica, mesmo enfrentando problemas de saúde, Maria do Rosário decide, no último dia, participar do ciclo de palestras sobre desaparecidos.

Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus. Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo que ouvia. Parecia que estavam contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas. Eu não estava suportando mais, o ar me faltava, tinha a sensação de que ia morrer (Evaristo, 2016, p. 53).

É relevante ressaltar que, incomodada após o ocorrido, Maria do Rosário planeja deixar a sala onde os relatos estavam sendo apresentados. No entanto, ao se levantar, ouve uma voz que lhe parece familiar, chegando a confundir o tom com o de sua mãe, o que a levou a interpretar como uma possível desorientação mental. No entanto, ao se colocar de pé para sair, a protagonista percebe que a narrativa contada naquele momento é assustadoramente semelhante à sua própria história. De maneira paradoxal, ela declara: "[n]ão consegui sair e, entretanto, não fiquei. Não me assentei também, apesar dos pedidos" (Evaristo, 2016, p. 54). Nesse contexto, fica subentendido que houve um reencontro consigo mesma – indicando a metáfora presente no nome de sua cidade natal, "Flor de Mim", um ambiente tão memorável para ela.

Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo... Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão. Não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre (Evaristo, 2016, p. 54).

Neste trecho, Maria do Rosário compartilha um momento de reconexão com sua história e suas origens. Ela menciona que estava ouvindo o relato de sua irmã (nascida após o sequestro), mas o que a impactou profundamente foi a lembrança do jipe se afastando quando foi separada de sua família. Neste contexto de violência e

opressão, a narradora revive a dolorosa cena de seu irmão chorando na estrada enquanto ela era levada. Curiosamente, seu desmaio pode simbolizar o apagamento de sua identidade e a perda de sua voz diante das dificuldades enfrentadas. No entanto, o contato físico com a moça que lhe segurava a mão representa um momento de conexão, solidariedade e empatia, fazendo com que ela se reconheça novamente e se sinta unida à sua própria história e família.

Em resumo, a protagonista de Evaristo expressa vivências que abrangem desde a revelação de memórias intrincadas do sequestro em Flor de Mim, sua cidade natal, até a lembrança de sua ancestralidade escravizada. Além disso, ela está constantemente (re)construindo sua identidade a partir de um presente ainda problemático, marcado por diversas dúvidas decorrentes das violências e repressões vivenciadas. A resistência se manifesta através da educação, que representa a esperança de um futuro novo e promissor. Por fim, sua participação em interações sociais culmina no tão almejado reencontro com familiares.

As práticas racistas perduram de maneira evidente nos diversos setores sociais, sendo notável a persistência de padrões eurocêntricos nas instituições de ensino. Isso se manifesta na falta de reconhecimento da importância da negritude, refletida em situações como a escassa abordagem da cultura africana nos materiais didáticos adotados pela maioria das escolas, a limitada representação de indivíduos negros no corpo docente de forma equitativa e a prevalência de discursos hegemônicos, currículos e práticas que favorecem aspectos culturais e linguísticos associados à branquitude.

Segundo Kilomba (2019, p. 130), “[o] racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona por meio de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalente”. Nesse sentido, enfatizamos a importância de autores engajados no campo decolonial, os quais confrontam práticas racistas ao advogarem a necessidade de ampliar as expressões culturais dos corpos e vozes negras, para além da diáspora africana. Fundamentalmente, as bases dessas teorias foram estabelecidas por estudiosos cujas visões são essencialmente latino-americanas, africanas e afrodiaspóricas.

Na trajetória da "amefricana" Rose Dusreis, que aspirava tornar-se uma bailarina profissional, a narradora revela vestígios de colonialidade na discriminação racial dirigida ao seu corpo. Essa discriminação ocorreu de maneira sutil em uma instituição educacional, quando uma professora de balé, após alguns ensaios, julgou

que a constituição física da criança não era adequada para a prática de uma dança pautada por padrões europeus.

[...] em dois dias de ensaio me aventurei a pedir-lhe para também fazer parte do grupo de balé, mas disse-lhe que minha mãe não poderia pagar as aulas, entretanto poderia lavar as roupas dela de graça. [...]. Anos depois, a cada dificuldade enfrentada para me profissionalizar, eu me lembrava da resposta que me foi dada naquele momento. Ternamente, Atilia Bessa pousou a mão em minha cabeça e me disse que o meu tipo físico não era propício para o balé. Eu tinha oito anos somente. Só com o passar do tempo, pude entender o que foi dito naquela fala (Evaristo, 2016, p. 109).

Entre as linhas, é possível inferir que a posição social e a raça foram fatores determinantes para a não aceitação de Rose Dusreis no grupo de Atilia Bessa. A narrativa põe em evidência o preconceito e, por vezes, o desrespeito ao propósito de ambientes que deveriam ser orientados pela diversidade étnica e cultural. Vale destacar que, conforme apontado por Carneiro (2005), a privação de oportunidades educacionais (que, em um sentido mais abrangente, se estende ao âmbito cultural) é uma parte integrante do processo de marginalização social enfrentado por indivíduos negros. Portanto, é preocupante o fato de que ferramentas educacionais e socioculturais possam, em certos casos, se tornar instrumentos utilizados para depreciar as capacidades cognitivas, habilidades artísticas e consciências intelectuais de pessoas racialmente subalternizadas. De acordo com Carneiro (2005), observamos um fenômeno que

[...] pelo rebaixamento da auto-estima (sic) que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural [...] (Carneiro, 2005, p. 97).

Entende-se que o racismo e a discriminação exercem impactos significativos na formação da identidade negra no contexto educacional, manifestando-se de diversas maneiras, como a negação da contribuição da cultura negra e a promoção de padrões culturais brancos. Ao analisarmos a postura da professora Atilia Bessa, percebemos que, na prática, os indivíduos brancos são privilegiados, ocupando espaços que também deveriam ser assegurados para pessoas negras. Desse modo, de maneira velada, os discursos eurocêntricos persistem e as práticas racistas perduram na sociedade. Nesse contexto, é pertinente ressaltar a seguinte afirmação: “[a] primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo

acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual [...]” (Gonzalez, 1984, p. 225).

De maneira sistemática, a questão da naturalização refere-se ao tratamento eufemístico dado às exclusões, desigualdades e violências originadas pelo racismo. Nesse contexto, destacamos o segundo incidente envolvendo a protagonista: uma substituição sem justificativas, na qual uma garota branca (pintada de preto) foi escolhida pela professora para representar uma boneca negra. Isso ocorreu mesmo quando Rose Dusreis já havia demonstrado sua preparação para a apresentação e, sem dúvida alguma, representava a cor da boneca de maneira autêntica.

Confiantemente eu dava os primeiros passos de exibição para uma plateia. Um dia, a própria professora Atilia Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito para dança. Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna no balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões da troca por outra menina. Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era (Evaristo, 2016, p. 110).

No contexto apresentado, Rose Dusreis destaca a simbologia de manifestações recorrentes do racismo estrutural, evidenciando como pessoas negras enfrentam escassas oportunidades na sociedade brasileira devido às suas identidades étnico-raciais. Além disso, nas oportunidades disponíveis, os papéis atribuídos frequentemente são negativos. Nessa perspectiva, é relevante notar que, desde a década de 80, Lélia Gonzalez já adotava uma postura crítica em relação às injustiças provocadas pelo racismo que, de maneira atemporal, estigmatiza indivíduos negros com características pejorativas: “[m]ulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão” (Gonzalez, 1984, p. 226).

De maneira semelhante ao que ocorreu com a personagem Maria do Rosário, esse infortúnio também se repete com Dusreis, como evidenciado no trecho a seguir.

Acordava cedo, junto com outras meninas tão pobres quanto eu, para ajudarmos no preparo do café das meninas ricas. Aprendi todos os afazeres de uma casa, cozinhar, lavar, passar, arrumar. Descobri, com o tempo, que as irmãs vindas de famílias pobres eram as operárias, as domésticas, as agricultoras, enfim, as trabalhadoras exploradas da instituição, e nós, as meninas sem posse alguma, éramos as suas auxiliares (Evaristo, 2016, p. 112-113).

Não há dúvida de que a representação da mulher negra como doméstica interrompe a complexidade histórica dos seus atributos identitários, uma vez que se baseia apenas nas ideias de uma suposta democracia racial que não existe. Em outras palavras, a naturalização dos discursos históricos dominantes cria desvantagens para esses indivíduos subalternos, que experimentam a contemporaneidade como se estivessem presos a uma era retrógrada. Por isso, Kilomba (2019) argumenta que os impactos e aflições enfrentados por pessoas negras são resultantes do contato com as normas estabelecidas pelo mundo branco. Ela sustenta a seguinte proposição: “cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) [que] remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida além do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado” (Kilomba, 2019, p. 158).

A persistência desses relatos, mesmo que fictícios, mas que por vezes espelha a realidade, nos leva a compreender que são feridas de difícil cicatrização. Portanto, no caminho em direção à liberdade, todas as formas de resistência merecem ser legitimadas, pois contribuem para a reconstrução das identidades raciais e para a ressignificação da história da ancestralidade. Nesse contexto, é curioso observar que o sinal de desvinculação da protagonista com um passado colonial e escravocrata já se manifesta na grafia do sobrenome "Dusreis", tal como descrito a seguir:

Meu bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro de casa, a mãe preta dos filhos dele. Foi essa a origem do meu sobrenome, que, ao ser dito como Dusreis, nos originalizou e nos apartou daqueles, os Reis de Menezes, que não nos reconheciam nem como parentes distantes (Evaristo, 2016, p. 112).

De maneira dialética e enraizada na herança ancestral, ao desconsiderar as normas linguísticas impostas pelo colonizador na criação do nome da personagem, Conceição Evaristo destaca o "pretuguês", representando a "marca de africanização no português falado no Brasil" (Gonzalez, 1988, p. 70). Na vida de Rose Dusreis, a ruptura com uma ordem tirânica revela agência, o que incentiva a utilização das potencialidades culturais da negritude presentes em seu imaginário, empregadas para iniciar uma nova trajetória. É relevante enfatizar que, conforme apontado por Gonzalez (1984, p. 226), a memória, dotada de astúcias e flexibilidade estratégica, “considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção”.

Uma etapa adicional de adaptação na vida da protagonista envolve a necessidade, devido à condição de pobreza, de se distanciar da família para estudar em um colégio religioso. Apesar de ter sido uma experiência difícil, essa oportunidade proporcionou a ela acesso a atividades escolares que geralmente são oferecidas em instituições privadas. Neste momento, é evidente que ela recebeu apoio de uma membra do corpo docente: “[u]ma carta de apresentação de uma das professoras de dança do colégio em que eu tinha vivido, até então, me abriu portas” (Evaristo, 2016, p. 113).

Com essa oportunidade, Rose Dusreis dedicou-se e adquiriu uma formação artística, concentrada nas áreas do balé clássico e do canto. Finalmente, sua trajetória culmina na realização do seu sonho, e ela continua a se aprimorar e se especializar: “[c]ursei vários estilos de dança fora do meu estado e, depois, fora do país. Aos poucos, fui me profissionalizando e tive a oportunidade de fazer parte de grupos nacionais e internacionais, mas, na maioria das vezes, eu era uma das poucas, se não a única bailarina negra do grupo” (Evaristo, 2016, p. 113).

Diante do exposto, surge outra consequência do racismo estrutural: a escassa representatividade negra no balé clássico. Por essa razão, destaca-se a importância dos elementos culturais da negritude nas apresentações da protagonista, uma bailarina cuja expressão artística transcende a mera tecnicidade. Através das observações feitas pela narradora-ouvinte, é possível inferir que nos passos e compassos da dança de Rose Dusreis, ganham vida as experiências da ancestralidade, da (re)existência e da resiliência, transferindo-se

[...] ao balé da vida, numa coreografia moderna, que ela mesma havia criado, a partir de uma dança tradicional de um dos povos africanos, a que ela havia assistido um dia na região de Kendiá [...]; a aprendizagem de Dusreis foi além da dança. Ali ela apreendera o bailado da existência. Dança que os kendianos, em determinados momentos, realizam como celebração da vida, que se inaugura e que em um dia qualquer se esvai, como dádiva de uma força maior (Evaristo, 2016, p. 115).

Sem sombra de dúvida, a notável protagonista de Evaristo personifica uma inspiradora jornada de sucesso ao concretizar o sonho de se tornar uma bailarina clássica. Com elegância e persistência, ela enfrenta todas as adversidades impostas pela vida, percorrendo um trajeto repleto de desafios e superações. A coreografia de Dusreis simboliza a resiliência e a habilidade de adaptação das tradições culturais africanas às realidades contemporâneas, destacando especialmente a conexão com

as raízes ancestrais. Em diversas produções artísticas, é frequente que os indivíduos afro-diaspóricos expressem suas memórias ancoradas em fundamentos ancestrais, nos quais o corpo e os simbolismos da África se entrelaçam para expressar uma condição existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tematiza, sobretudo, a violência de gênero e as desigualdades raciais e sociais presentes nos contextos vividos pelas personagens femininas dos contos da escritora Conceição Evaristo, tendo como horizonte a ostensiva presença do extermínio diário de uma considerável parcela da população negra; e, do mesmo modo, propõe uma profunda reflexão sobre estas questões, a partir da literatura da escritora brasileira, que não os reduz à mera exposição e denúncia, os elaborada em suas autêntica perspectiva narrativa, utilizando-se de um viés de escrita e conhecimento autoral que denomina *escrevivências*. Apesar da densidade das narrativas, carregadas de sofrimento e violência, e a constante e revoltante presença sufocante das muitas formas de racismo, as narrativas das vozes negras dos contos de Evaristo reverberam em atos de resistência, força e inspiração. Dessa forma, elaboram novas formas de vivência e propiciam diferentes horizontes possíveis dentro de suas histórias, construindo através de memórias pessoais e/ou coletivas legados que possibilitam ampliar as perspectivas de (se)ver e ser, produzindo verdadeiramente uma significativa transformação social para a população negra contemporânea e para as gerações futuras.

Durante todo o percurso de realização deste estudo e análise, desde meu ingresso na pós-graduação, até o momento, fica evidente, para mim, a máxima de que *toda ação gera uma reação*. No meio acadêmico conheci mulheres que se tornaram mais do que colegas, nos reconhecemos na nossa luta diária enquanto mulheres negras e traçamos através de um grupo de estudos sobre literatura de autoria negra um espaço de identificação, acolhimento, empoderamento e compartilhamento de conhecimento dentro da universidade. Em encontros semanais, debatemos textos teóricos e literários, reunimos uma significativa quantidade de pessoas (de todos os lugares do Brasil) interessadas nas mesmas temáticas e pesquisas que instigam nossos trabalhos. Nestes encontros e nesta pesquisa de mestrado, percebo, ainda, outra máxima, *de que nada é por acaso*, todo ato tem um propósito e o meu foi escrever, tematizar, analisar personagens/pessoas, mulheres protagonistas, que geralmente não são a primeira opção de pesquisa de muitos por inúmeros motivos, seja por preconceito de gênero, racial ou até mesmo de orientação sexual. Encontrei meu lugar na pós-graduação diante da percepção do fundamental papel de compartilhar com outras mulheres estudiosas uma pequena-grande parcela

do que eu vejo e sinto quando leio as páginas escritas por Conceição Evaristo, quando leio teorias e estudo outras autoria negra e como esse exercício reflexivo-teórico de análise literária afetou a minha forma de compreender o mundo, de me ver e ver as mulheres que vieram antes de mim, e sobretudo, a maneira como essas *escrevivências* influenciaram e transformaram a minha própria escrita - acadêmica e pessoal.

Os textos lidos durante o mestrado fizeram um movimento intenso dentro de mim e em busca de coesão, coerência e objetividade para esta investigação, todas as análises propostas neste estudo são embasadas em vozes negras feministas. Creio que esta pesquisa não se encerra aqui nestas considerações e a vejo como um vetor para investigações futuras, portanto, trago algumas reflexões, a fim de ampliar o debate, e sobretudo pontuo que as narrativas estudadas revelam discursos nos quais as mulheres negras, mesmo em situações de vulnerabilidade, conectam-se a uma dimensão de resistência. As narrativas de Conceição Evaristo têm como objetivo confrontar e desestabilizar as estruturas de gênero e raça, ao abordar experiências que desafiam e colocam em pauta as normas patriarcais e heteronormativas. Questões que se manifestam através de uma crítica presente em seus escritos à concepção de família nuclear, evidenciando toda a violência que essa estrutura pode conter. As vivências das mulheres protagonistas negras são únicas, assim como as experiências das mulheres indígenas. Ao abordar as condições das mulheres brancas e das mulheres negras, por exemplo, a autora enfatiza estar abordando realidades muito diversas. Mesmo ao considerar o recorte social ao abordar a situação das mulheres pobres, Evaristo evidencia a realidade distinta que as mulheres brancas têm em relação às mulheres negras e indígenas, essas últimas, quando em situação de pobreza têm menores possibilidades e probabilidade de superar a vulnerabilidade e opressão social, devido ao viés do preconceito e do racismo que influencia suas vivências. As narrativas de Conceição Evaristo, ainda, estabelecem um diálogo sensível com as subjetividades das mulheres negras, cuja realidade cotidiana se diferenciam significativamente das experiências das mulheres brancas.

Inegavelmente, a pós-graduação *abriu meus olhos*, propiciando uma consciência para algo que me é de muito mais valor do que as vaidosas linhas do *currículo lattes*, exigidas pela carreira acadêmica. O trabalho dessa dissertação me fez colocar em prática algo que estava no campo do meu pensamento talvez desde antes de eu pensar em academia; estão nos escritos de Conceição Evaristo

esse *poder de fazer* seus leitores refletirem não só a partir do contexto presente, mas antes dele, refletir a partir do passado; lendo e relendo os contos de Evaristo, me observo pensando em mim mesma, sobre minhas memórias da criança que fui, com quem eu estava/andava; o que será que aquela menina criança queria/pensava? Como será que ela se *via*? Algumas lembranças e possíveis respostas vem à minha cabeça e penso: solidão, estranhamento, vergonha. Na infância e na escola, eu só encontrei conforto e acolhimento quando consegui "me encaixar", quando comecei a encontrar aqueles que percebia como "meus pares": crianças gordas, "viadas", negras, chamadas também de "estranhas", lidas como "diferentes" dos "normais". Sempre me encaixei no grupo dos "estranhos", fora do padrão de beleza e/ou comportamento tidos como "aceitáveis" e "belos", dos que sofriam com as violências diversas do *bullying*. Assim foi durante todo o percurso do meu ensino fundamental e ensino médio. Desse "lugar" em questão, eu queria ser vista com respeito e reconhecimento, para mim e para os meus. Assim, parti(mos) para os estudos acadêmicos na graduação, porém apenas alguns de nós conseguiram ingressar na universidade. A universidade como um horizonte para a única forma de se ganhar respeito, de ser vista como "alguém", então fui e fomos atrás de conhecimento. Hoje, minhas companheiras do grupo de estudos, sobretudo, e eu, seguimos na universidade com um objetivo nítido: balançar as empoeiradas estruturas curriculares para que uma mudança curricular e acadêmica efetiva aconteça, pois as longas listas de referências brancas que ainda imperam nas ementas bibliografias das disciplinas de graduação e pós-graduação já não cabem mais, elas não falam sobre nós, sobre nossas vivências, realidades, memórias e luta. Elas não falam sobre/para nós. Não é nosso intuito descreditar referências científicas importantes, mas não podemos mais construir conhecimentos que ainda excluem autoras negras, que desqualificam nossas trajetórias acadêmicas e que não consideram nossa história e importante contribuição para a ciência. Queremos ver e ler nossos iguais dentro dos cursos formativos. Sabemos que toda mudança social envolve educação e muita burocracia, mas queremos o novo, é urgente a atualização de planos de aula, de ementas de disciplinas, de corpos docentes nas universidades federais e privadas, especialmente, com maior número de profissionais negros. E é difundindo o conhecimento negro e estudando a literatura de autoria negra que contribuímos e caminhamos em direção a esse horizonte, este é o único caminho possível, termos cada vez mais

pesquisadores interessados e engajados na importante literatura negra brasileira e mundial.

Um grupo diversificado de mulheres negras está construindo conhecimento em diversos contextos, desempenhando vários papéis sociais. Portanto, é essencial refletir sobre como essa intelectualidade negra se manifesta. A importância do feminismo negro abrange aspectos sociais, políticos e históricos. Dentro desse movimento, há diversas facetas, assim como nas mulheres que compartilham das ideias de Evaristo. Explorar, ler e escrever sobre as literaturas de autoria feminina negra torna-se um imperativo. A obra de Conceição Evaristo contribui indiscutivelmente para o estabelecimento da literatura feminista negra, ao posicionar as mulheres negras como protagonistas e refletir sobre seus anseios, necessidades e reivindicações. Como mencionado ao longo desta pesquisa, historicamente, o movimento feminista favoreceu as demandas das mulheres brancas, heterossexuais, das classes média e alta, generalizando as experiências femininas como se todas enfrentassem a mesma opressão. Evaristo pega a via oposta dessa discussão. Em suas narrativas o feminismo negro está intrínseco na prática cotidiana, muitas vezes interpretado como um discurso assertivo. As narrativas e vozes ecoadas através de Evaristo, ainda, não apenas inspiram a produção literária das mulheres negras, mas também evocam o estudo da literatura nas instituições acadêmicas, especialmente sob a perspectiva de gênero e etnia. Em última análise, a *escrevivência* de Evaristo enseja o desenvolvimento do letramento literário. Explorar e pesquisar a *escrevivência* de Evaristo proporciona uma compreensão mais profunda sobre a complexidade e o impacto que a combinação entre racismo e sexismo provoca sobre a vida das mulheres negras nas sociedades ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS

- ABECASSIS, Ruth Fonseca. *A mulher negra na literatura brasileira: autoria e representação na produção ficcional de Conceição Evaristo*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.
- ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. Brasil teve quase 5 mil mortes violentas de crianças e adolescentes em 2019. *Portal de notícias, G1*, 18 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2020/10/18/brasil-teve-quase-5-mil-mortes-violentas-de-criancas-e-adolescentes-em-2019-75percent-eram-negros-revela-anuario.ghtml>> Acesso em: 28 set. 2023.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. Coleção Feminismos Plurais. Coord. Djamilia Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea* (Coleção Repensando África, Volume 7), Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Florianópolis: *Revista Estudos Feministas*, 2000.
- ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma Escrita em dupla face- A mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- ARAUJO, Tereza Cristina N.. A classificação de cor nas pesquisas do IBGE: notas para uma discussão. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n. 63, p. 14-16, nov. 1987. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741987000400001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2024.
- ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes; MIRANDA, Fernanda Rodrigues. *Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da história e da literatura*. Porto Alegre: Editora FI, 2021.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 3, 2. sem. 1995.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BRASIL 247 – JORNALISMO INDEPENDENTE. [*Conceição Evaristo abre Casa Escrevivência, espaço cultural no Rio*]. Disponível em:

<https://www.brasil247.com/cultura/conceicao-evaristo-abre-casa-escrevivencia-espaco-cultural-no-rio> Acesso em 29 jul. 2023.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 213-30.

CARDOSO, Cláudia Pons. A mulher negra na contramão da história. In: FERREIRA, Antonio Mário (Org.). *Na própria pele: os negros no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Corag, 2000. p. 81-90.

CARDOSO, Cláudia Pons. *História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões*. In: FAZENDO GÊNERO. CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais Eletrônicos*[...] Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-7. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Claudia_Pons_Cardoso_69.pdf. Acesso em: 12 ago. 2011.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero*. [S.l.: Unifem], 2011. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 271-89.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Comp.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jan. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944026/mod_resource/content/1/COLLINS_Pensamento%20feminista%20negro%20conhecimento%2C%20consci%C3%Aancia%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20do%20empoderamento.pdf> Acesso em: set. 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução de Angela Figueiredo e Jesse Ferrell. *Cadernos Pagu*, n. 51, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300510&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 21 ago. 2023.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes et Júlio César BARBOSA. *A Escrita Negra, Feminina e Lesboafetiva de Conceição Evaristo no conto Isaltina Campo Belo*. Enlaçando sexualidades. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunicacaooralhildaliafernandes.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-20026X2002000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2023.

CURIEL, O. *Gênero, Raza, Sexualidad: debates contemporâneos*. Disponível em: http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, v. 42, n. 4, 16 set. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>. Acesso em: 01 mar. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DE ASSIS DUARTE, Eduardo. *Literatura e afrodescendência no Brasil-antologia crítica*. Volume 4: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos

(Org.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n.31, p.p.87-110, 2008.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DOMINGUES, Nadmilia Castro. *As representações do corpo negro-feminino na contística de Conceição Evaristo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

DOMINGUES, Petrônio; BUTLER, Kim (Orgs.). *Dísporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afrobrasileiras*. São Paulo: Perspectiva, 2020. (Capítulo II).

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista*. São Paulo: Ubu editora, 2021.

DOUGLASS, Frederick. *Autobiografia de um escravo*. São Paulo: Vestígio, 2021.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. *In: Portal Literafro*, FALE/UFMG, s/d. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoConstancia1generoeviolencia.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n.31. Brasília, janeiro-junho, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a literatura brasileira afrodescendente. *In: Poéticas da diversidade*. Organização de Marli Fantini Scarpelli e Eduardo Duarte. Belo Horizonte, Editora FALE/UFMG, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n.23, p.p.113-138, julho/dezembro 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. *Literafro*, 2008. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>. Acesso em: 15 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (ORGS.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: mina comunicação e arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. *Cadernos Negros*, São Paulo, v. 18, 1995.

EVARISTO, C. A literatura está nas mãos de homens brancos. [Entrevista cedida a] Nahima Maciel. *Correio Braziliense*, 15 jul. 2018. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br>. Acesso em 15 jun.2023.

EVARISTO, Conceição. Da representação a autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 52-54, ago. 2005a.

EVARISTO, C. *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In MOREIRA, Nadilza.

EVARISTO, Conceição. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: Uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes. 1988.

GOMES, Elizângela Oliveira. *A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

GOMES, Heloisa Toller. Afrodescendência e memória. In: *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017. DOI 10.21826/978856380028233, pp. 33-41.

GOMES, Heloisa Toller. *Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea*. Artigo UFMG, 2017. publicado e disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/>. Acesso em 09 abr. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. *Aletria*. Belo Horizonte. v. 9. 2002.

GONZALEZ, Lélia. *O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica*. Los Angeles: mimeografado, 1979.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem políticoeconômica (1981). In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: UCPA Editora, 2018. p. 34-53.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 237-258.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima.

hooks, bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, vol. 3 nº 2, 1995.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O Grifo é meu. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Explosão feminista: arte, cultura e política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2012-2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

IRIGARAY, Lucy. A questão do outro. Tradução Tânia Navarro-Swain. *Labrys - Estudos Feministas*, Brasília: UnB, n. 1-2, jul./dez. 2002.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2020.

KILOMBA, Grada. *A máscara*. Cadernos de Literatura em Tradução, nº 16, 2010.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Codogó, 2019.

LITERAFRO. [*Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras*], maio de 2009, Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 08 mai 2023.

LOBO, Luiza. A literatura feminina na América Latina. *Revista Brasil de Literatura, on-line*, 1999. Reimp. de idem, Registros do Seplic, Seminário Permanente de Literatura Comparada, Departamento de Ciência da Literatura, Faculdade de Letras da UFRJ, n. 4, 1997. 40 p.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. Ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LORDE, Audre. Uses of the erotic: the erotic as power. In: LORDE, Audre. *Sister Outsider : essays and speeches*. New York : The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-60.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez., 2014. MAC GREGOR, Helena C. Necropolítica: la política como trabajo de muerte. *Ábaco. Revista de Cultura y Ciencias Sociales*, n. 78, 2013.

MACIEL, Nahima. A literatura está nas mãos de homens brancos. *Correio Braziliense*, 15 jul. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 04 ago.2023.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, una revisión crítica. In: GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). *Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas*. México: UNAMMUAC, 2012.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Comp.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades em dias de destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. p. 80-85.

NASCIMENTO, Beatriz. *Eu sou atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 97.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PAIM, Luciane de Lima. *Nunca vão nos calar: uma leitura sobre a violência contra a mulher nos contos de Conceição Evaristo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

PERROT, Michelle et al. A história das mulheres; cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. Tradução Rachel Soihet, Suely Gomes Costa e Rosana Soares. *Revista Gênero*, Niterói, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG), v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PONS, Claudia. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro na literatura brasileira. *Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 49, n. 14, jan./dez. 1988.

RAMOS, Celiomar Porfirio; ALMEIDA, Marinei. A LESBIANIDADE NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO: ISALTINA CAMPO BELO. *Revista de Letras Norte @mentos*, [S. l.], v. 14, n. 35, 2021. DOI: 10.30681/rln.v14i35.7593. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7593>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* Carta capital, 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-1920.html>. Acesso em mar. 2021.

RIOS, Flávia. *O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial?* Nexo Políticas Públicas, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PVO4CQVIPPE>. Acesso em 03 mar. 2023.

SANTOS, Ana Paula Freitas dos. *Os contos de Conceição Evaristo e a representação da mulher negra: diáspora, gênero e descolonização*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49-80.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. [*Pensar o Brasil para o enfrentamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia: relatório final do grupo de Trabalho para Fortalecimento das ações de enfrentamento ao Racismo, Sexismo e Lesbofobia do plano Nacional de Políticas para as Mulheres*]. Brasília, DF: SPM/PR, 2010. Disponível em: <https://andi.org.br/documento/pensar-o-brasil-para-o-enfrentamento-do-racismo-do-sexismo-e-da-lesbofobia/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, Ana Rita Santiago da. *A Literatura de escritoras negras: uma voz (Des) silenciadora e emancipatória*. Interdisciplinar Ano 5, vol. 10, 2010.

SILVA, Denise Ferreira et al. *Pensamento negro radical*. São Paulo: Crocodilo, 2021

SOJOURNER Truth. E não sou uma mulher? Tradução de Osmundo Pinho, *GELEDES*, 8 de janeiro de 2014. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth>>. Acesso em 30 de outubro 2023.

SOUSA, Avanete Pereira; CORDEIRO, Emanuela de Souza. Imaginários sociodiscursivos da mulher negra: análise do conto "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 114–130, 2019. DOI: 10.5007/2175-7917.2019v24n1p114. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2019v24n1p114>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SOUSA E SILVA, Assunção. *A fortuna de Conceição* – posfácio, in *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SPIVAK, Chakravorty Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu editora, 2019.

VERSCHUUR, Christine. DESTREMEAU, Blandine. Féminismes décoloniaux, genre et développement. Histoire et récits des mouvements de femmes et des féminismes aux Suds. *Revue Tiers Monde* 2012/1, n° 209, pp. 7-18. DOI 10.3917/rtm.209.0007

VIEIRA, Wellington Neves. Entre recordações e traumas: Conceição Evaristo e Toni Morrison. *Revista Fórum, Identidades*, GEPIADDE, ano 6, vol. 12, n° 12, 2012.